



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

KALINE FERREIRA COSTA

**EM BUSCA DO FIO DE ARIADNE: AS REZADEIRAS NO
LABIRINTO HISTÓRICO DA MODERNIDADE – UMA CRÍTICA
ÀS TEORIAS DO DESENCANTAMENTO DO MUNDO (ALAGOA
NOVA – PB: 1980 A 2012)**

CAMPINA GRANDE – PB

2012

KALINE FERREIRA COSTA

**EM BUSCA DO FIO DE ARIADNE: AS REZADEIRAS NO
LABIRINTO HISTÓRICO DA MODERNIDADE – UMA CRÍTICA
ÀS TEORIAS DO DESENCANTAMENTO DO MUNDO (ALAGOA
NOVA – PB: 1980 A 2012)**

Trabalho de Conclusão de Curso de
Licenciatura Plena em História
apresentado a Universidade Estadual da
Paraíba, em cumprimento à exigência
para obtenção do grau graduado.

Orientador: Prof. Dr. José Adilson Filho

CAMPINA GRANDE – PB

2012

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

C837e Costa, Kaline Ferreira.
Em busca do fio de Ariadne [manuscrito] : as rezadeiras no labirinto histórico da modernidade - uma crítica às teorias do desencantamento do mundo (Alagoa Nova - PB: 1980 a 2012) / Kaline Ferreira Costa. – 2012.

76f. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2012.

“Orientação: Prof. Dr. José Adilson Filho,
Departamento de História”.

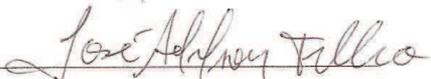
1. História - Religião. 2. Rezadeiras – Práticas Culturais. 3. Religiosidade - Crença. I. Título.

21. ed. CDD 908

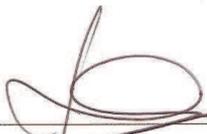
KALINE FERREIRA COSTA

**EM BUSCA DO FIO DE ARIADNE: AS REZADEIRAS NO LABIRINTO
HISTÓRICO DA MODERNIDADE – UMA CRÍTICA ÀS TEORIAS DO
DESENCANTAMENTO DO MUNDO (ALAGOA NOVA – PB: 1980 A 2012)**

Aprovada em 29/11/2012


Prof. Dr. José Adilson Filho / UEPB 10,0 dez
(Orientador)


Prof. Dr.^a Ofélia Maria Barros / UEPB - nota 10,0 (dez)
Examinadora


Prof. Dr. Ramsés Nunes / UEPB 10,0 dez
Examinador

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Jorge Soares e Leni Ferreira, e irmãos, Kalil Ferreira e Lucas Ferreira, que me fizeram entender, com a ternura de seus corações, que sou capaz;

Ao meu tio, Pedro Soares, que com zelo e paciência dedicou boa parte do seu tempo aos meus estudos, ajudando de todas as maneiras possíveis e contribuindo de forma decisiva para que este momento fosse possível;

À minha avó, Adélia Soares, a qual esteve sempre pronta a me ajudar;

Aos meus melhores amigos: Regina Reis, Jadson Pereira, Sandro Garcia, Cezar Silva e Melissa Sousa, que conseguiram aguentar minha presença por 5 anos;

À turma 2008.1 em geral (Rômulo Gouveia, Fernanda Lima, Marcelino Valdevino, Luciano Ramos, Marcos Bezerra, Nilton César, Williams Cabral, Adriana Vital...) e aos demais amigos (Silvano Fidelis, Rafael Campos, Ana Carolina Araújo, Vanilene, Eliene dos Santos...), os quais se tornaram mais queridos a cada dia;

Às rezadeiras Maria do Carmo Avelino, Luzia de Andrade Alves, Benedita Belo da Silva, Maria França da Silva, Inácia Daniel da Silva e Maria França da Silva, que nos deram o prazer de conhecer um pouco mais de suas práticas, e ao colega Geraldo Júnior, que tanto me ajudou na realização das entrevistas;

À professora Patrícia Aragão, que agiu como verdadeira amiga nesta jornada, dando-me oportunidades de crescer intelectualmente, e a todos os demais professores que contribuíram para a minha formação, como a inesquecível Martha Lúcia Ribeiro.

Ao meu orientador Adilson Filho, por sua dedicação, amizade, compreensão e gentileza.

RESUMO

A religião continua a se constituir como pilar fundamental na construção de sentido para a humanidade. Tendo sofrido inúmeras críticas durante a modernidade, o fenômeno religioso teve o seu fim anunciado e a sua inevitabilidade posta em questão, e assim inúmeros teóricos fizeram ecoar o grito afirmativo do desencantamento do mundo. Porém, embora embebida nos grandes dilemas da sociedade técnico-científica, a religião ganhou nova roupagem e se (re)apresentou de maneira ainda mais forte, ganhando espaço por meio da explosão de novos segmentos religiosos marcados por um discurso mais “popular”, voltado para o atendimento das necessidades imediatas dos sujeitos. Pensar a História pelo viés religioso implica trazer à tona os inúmeros protagonistas que tecem, a cada dia, uma rede de simbolismos marcados pela necessidade de dá sentido à vida. Sendo assim, nada melhor do que analisar as práticas daqueles sujeitos históricos que permanecem envoltos às brumas da modernidade, pois é aí mesmo onde eles são impelidos a criar novas formas de preservar seus costumes. Suas memórias, então, são o principal meio para alcançarmos nosso entendimento acerca de suas práticas, e a História Oral de Vida é o que nos permite espreitarmos tais memórias. Tendo este aparato metodológico em mãos, destacamos as figuras de algumas rezadeiras de Alagoa Nova – PB, apontando para suas tradições repletas de signos e significados que são passadas hereditariamente e se negam a desaparecer. Sendo assim, agora é a vez deste discurso de desencantamento ser posto em dúvida por meio do confronto com o espetáculo religioso que molda nosso cotidiano diariamente. Para isso, o estudo desenvolvido neste trabalho visa mostrar as especificidades das práticas culturais exercidas por tais rezadeiras como exemplo da atuação do sagrado em intenso dinamismo. Perceberemos, então, como a religião continuou a revestir a sociedade com encantamentos e proporcionou novas dinâmicas para o viver, obrigando-nos a repensá-la dentro de novas condições e novas referências.

PALAVRAS-CHAVE: Religião. Modernidade. Desencantamento. Rezadeiras.

ABSTRACT

Religion continues to be fundamental pillar in the construction of meaning for humanity. Having suffered numerous criticisms for modernity, religious phenomenon had its announced end and called into question its inevitability, and so many theorists so echoed the cry of the disenchantment of the world. But while steeped in the great dilemmas of scientific-technical society, religion won new guise and (re) presented in an even stronger, gaining ground by the explosion of new religious segments marked by a discourse more "popular" focused to meet the immediate needs of individuals. Thinking History by *vies* religious implies bringing to light the many actors who weave, every day, a network of symbolism marked by the need to give meaning to life. So nothing better than analyzing the practices of those historical subjects that remain shrouded the mists of modernity, it is right there where they are driven to create new ways to preserve their customs. His memoir, then, are the primary means for achieving our understanding of their practices, and Oral History of Life is what allows us to *espreitarmos* such memories. Having this methodological apparatus in hand, we highlight some of the figures of mourners Alagoa Nova - PB, pointing to their traditions full of signs and meanings that are passed hereditarily and refuse to disappear. So now is the time to address this disenchantment be doubted by the confrontation with the religious spectacle that shapes our daily routine. For this, the study developed in this work aims to show the specific cultural practices exercised by such mourners as an example of the performance of the sacred in intense dynamism. Realize then how religion continued to coat the society with incantations and gave new dynamics to live, forcing us to rethink it in new conditions and new references.

KEYWORDS: Religion. Modernity. Disenchantment. Mourners.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. PASSEANDO PELOS CONCEITOS HISTÓRICOS.....	16
1.1. A mulher e a arte de curar	27
2. UM MUNDO DESENCANTADO?.....	33
2.1. A tradição que (sobre)vive na modernidade	37
2.2. Rezadeiras em Alagoa Nova: Cultura e religiosidade no cotidiano.	45
3. A SIMBOLOGIA DO SAGRADO: ENTRE A FÉ E A “LÓGICA” MODERNA ...	59
3.1. A dramatização do cotidiano: Adentrando no universo simbólico	61
3.2. A memória, o ramo e a palavra.....	63
CONSIDERAÇÕES FINAIS	72
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:	76
APÊNDICE	77

INTRODUÇÃO

Esse é o grande segredo, conhecido de todos os homens cultos de nossa época: pelo pensamento criamos o mundo que nos cerca, novo a cada dia (BRADLEY, p. 9).

A clivagem que os sujeitos históricos promoveram no mundo fez com que este fosse dividido entre um “mundo real” – aquele do viver entendido como sendo substancialmente concreto – e um “mundo da magia” – onde as fábulas e os mitos dominam, fazendo as mentes pairarem sob possibilidades infinitas de existências – mas tal clivagem não se mostrou, ao longo do tempo, tão efetiva assim, uma vez que encontramos nas pesquisas históricas inúmeros exemplos de como cada sujeito mescla esses dois mundos em prol de uma possível coerência existencial.

Observando as práticas cotidianas de um grupo de rezadeiras das zonas rural e urbana de Alagoa Nova - PB, iremos tratar aqui o jogo simbólico que insiste em unir a ciência, a religião, o “real”¹ e a magia, fazendo-os persistir em um cotidiano que veste a capa da modernidade, mas que utiliza acessórios aparentemente destoantes.

Alagoa Nova recebeu boa parte dos símbolos da modernidade, mas preservou muito dos seus hábitos tradicionais, inclusive no âmbito religioso, representado aqui pelas rezadeiras, as quais continuam arraigadas a usos culturais antigos pautados em crenças religiosas populares. Esta cidade, localizada no brejo paraibano, pode ser definida pelo seu caráter tradicional e, ao mesmo tempo, moderno, possuindo características desses dois modelos. Assim, ao abordar esse ambiente histórico, estaremos trabalhando com as significantes características do processo temporal: as continuidades e as permanências...

Elas cultivam ervas em seus quintais para a cura, pois aprenderam de alguém e repetem, e essa prática demonstra as *continuidades* da História. Elas têm um

¹ Diante das infinitas discussões históricas sobre o relativismo, as aspas servem para explicar que o real de que se fala aqui não é entendido em seu sentido estrito, mas antes como um conjunto de produções humanas que ganham sentido no cotidiano vivido.

conhecimento baseado na experiência e na tradição oral, são mulheres que sabem que determinada planta serve para determinado mal, assim como as antigas bruxas² o sabiam em tempos passados, e essas são as *permanências* da História.

Diante disso, podemos afirmar que a escolha deste tema entona-se, em primeira instância, em uma questão pessoal em entender como o encantamento do mundo perdura nos tempos modernos, e as práticas culturais das rezadeiras de Alagoa Nova são um ótimo caminho para se chegar a uma possibilidade de resposta.

Assim, observando suas práticas, foram surgindo inquietações acerca de suas origens, do porquê de as pessoas as procurarem para se curarem mesmo podendo ir ao médico, como (e se) esses rituais funcionam, enfim, como as rezadeiras constroem sentido num cotidiano que cada vez mais cria brumas ao seu redor.

Por outro lado, há também uma necessidade de abertura para uma abordagem histórica (e não historicizante) das práticas culturais das rezadeiras que, mesmo na chamada (pós, hiper)modernidade, onde a fugacidade dança a nossa frente e o tempo escorre em nossas mãos, sobrevivem tecendo seus fios de significados no tempo histórico.

Aqui, mostra-se necessário uma breve explicação acerca do título deste trabalho. Na verdade, o título proposto trata de uma metáfora onde o fio de Ariadne representa, neste contexto, a tradição, as práticas desenvolvidas pelas rezadeiras e que as permitem dá continuidade ao seu trabalho sem serem engolidas pelo labirinto, ou seja, pelos símbolos da modernidade que, a cada dia, tentam diluir as diversas tradições como uma avalanche.

Assim como na mitologia grega, onde Ariadne entrega uma espada e tece um fio para que seu amado Teseu consiga matar o Minotauro e sair do labirinto, aqui observamos a resistência das rezadeiras que tecem fios cotidianos para darem continuidade ao seu ofício em um mundo que mais parece o Minotauro, assustador e inesperado, espreitando-as nesse labirinto histórico...

² Mulheres conhecedoras de ervas medicinais e que tinham seu cotidiano envolvido misticamente pela circularidade da natureza. Com o surgimento da Santa Inquisição, da Idade Média para a Idade Moderna, elas passaram a ser perseguidas pela Igreja.

Por esses e outros motivos, o estudo do universo mágico desperta atenção de quem o observa de mais perto. Para isso, ele não pode ser entendido como algo sobrenatural ou esquisito, mas sim como uma energia que flui em cada um de nós e ao nosso redor, sendo visível para quem tenta enxergá-la e impossível para quem a nega, pois se trata de um “querer sentir”.

Sendo assim, todos os assuntos relacionados ao ambiente místico são passíveis de despertar curiosidade, e não foi diferente com o tema aqui tratado, onde o campo simbólico das rezadeiras, preenchendo o ar com seus toques mágicos, fazem lembrar tempos longínquos onde mulheres reservavam o saber da cura em cada canto da natureza, trazendo-o para seus quintais e suas prateleiras.

Os temas que dizem respeito ao sagrado foram ganhando mais ênfase nos últimos tempos com os estudos acerca das religiosidades, rituais, símbolos. Com a revolução no campo das fontes a serem pesquisadas e das suas possibilidades, as pesquisas fizeram brotar inspirações que nos levaram em direção a perguntas inquietantes, além de apontarem para o fato de que a liberdade espiritual vai além das rígidas e frias paredes que refletem institucionalmente uma religião, pois, para além de grupos religiosos com suas caracterizações dogmáticas, existe uma interessante dinâmica espiritual escorrendo nos interstícios da cultura.

Diante dessas considerações, alguns pontos saltam à nossa frente e nos inquieta quando pensamos o fenômeno religioso consubstanciado pelas rezadeiras face à época em que vivemos, chamada por alguns de Modernidade e por outros de Pós-modernidade.

A questão é: há realmente um desencantamento provocado pela modernidade? Diante de uma sociedade cada vez mais cientificista e tecnológica, como perceber o jogo simbólico ritualístico proporcionado pelas rezadeiras?

Ou seja, depois do século XIX ter apontado para o desencantamento do mundo e Nietzsche ter afirmado a morte de Deus, como explicar a permanência de práticas religiosas com histórias tão antigas e, ainda por cima, explicando o cotidiano por meio dos símbolos que criam? Justamente nesse cotidiano (pós)moderno...

Assim, o objetivo geral desta pesquisa é analisar as práticas culturais das rezadeiras na cidade de Alagoa Nova – PB, para assim fazer uma contraposição às teses

do desencantamento do mundo, mostrando como o sagrado vem se delineando nesse momento histórico e contribuindo para o reencantamento do mesmo.

Como objetivos específicos, procuramos mostrar a pluralidade das práticas culturais das rezadeiras dentro do contexto histórico da modernidade; Estudar a permanência de suas práticas concomitante a uma invisibilidade social; Observar suas linhas de continuidade e ruptura diante do tempo; Entender como elas percebem o sagrado dentro do contexto moderno; Analisar o poder simbólico de suas práticas e como este contribui para o questionamento da idéia de desencantamento do mundo.

Os métodos e as técnicas utilizados para dar forma e respaldo a este trabalho estão circunscritos no âmbito da pesquisa documental e empírica, tendo sido realizado um levantamento bibliográfico acerca dos conceitos trabalhados no campo da cultura, da religião e dos seus símbolos e signos.

Além disso, também foram realizadas entrevistas semi-estruturadas, onde pudemos analisar as falas das rezadeiras e, em seus discursos, encontrar os sentidos para suas práticas culturais religiosas frente à modernidade que bate em suas portas (e reside em suas casas).

O uso da História Oral possibilitou significativamente esta pesquisa, pois se puderam transformar os discursos orais das rezadeiras em testemunhos por meio da escrita, permitindo o confronto de seus relatos religiosos com as versões de desencantamento do mundo.

Segundo Barros (2004), a História Oral é versátil, uma vez que pode ser adotada como abordagem para vários focos de pesquisa:

Esta subdivisão historiográfica refere-se a um tipo de fonte com o qual o historiador trabalha o saber, os testemunhos orais. Aqui, entramos em outro tipo de critério que não interfere com os do primeiro grupo. Um historiador pode estabelecer como enfoque a história política ou a cultural, e selecionar como abordagem a história oral (BARROS, 2004. p.132).

Sendo assim, temos em mãos uma rica documentação que nos permite traçar um perfil dessas mulheres e detectar seus sentidos perante o mundo, tornando-se um mecanismo de valorização de suas memórias. Da mesma forma, trabalhamos com a subdivisão conhecida por *história oral de vida*, para fazer emergir questões por meio da análise das trajetórias pessoais das rezadeiras. O significado dessa abordagem é descrito por Meihy & Holanda (2008) da seguinte forma:

No caso da história oral de vida, o que a distingue é exatamente a independência dos suportes probatórios. As incertezas, descartabilidade da referência exata, garantem às narrativas decorrentes da memória um corpo original e diverso dos documentos convencionais úteis à História. Em particular, a história oral de vida se espraia nas construções narrativas que apenas se inspiram em fatos, mas vão além, admitindo fantasias, delírios, silêncios, omissões e distorções. (MEIHY & HOLANDA, 2008, p.34).

Nesta perspectiva, as colaboradoras deixam de ser meros informantes da pesquisa para se tornarem verdadeiramente atuantes no processo, pois que têm suas experiências de vida valorizadas e suas visões de mundo tomadas como essência do projeto.

Analisando essa questão, entendemos que esse tipo de atividade (rezar para curar) merece atenção especial nos estudos historiográficos, dentre outros motivos, devido sua grande importância no campo da preservação de práticas que estão em vias de desaparecer e, principalmente, por ser uma prática cultural que põe frente a frente a tradição e a modernidade, fazendo-se pensar o como e o porquê dessa coexistência teoricamente conflitante.

Assim, estaremos lidando em todo o decorrer deste trabalho, com a certeza impulsionada aos rituais de que estes funcionam como a personificação da mão divina para trazer saúde e/ou salvaguardar o corpo dos males.

Sendo assim, o presente trabalho está estruturalmente dividido em três capítulos, onde o primeiro busca analisar os conceitos fundamentais para o entendimento da questão aqui proposta, adotando aqueles que melhor convêm para nosso estudo.

No segundo capítulo trataremos das teorias gerais que pregaram o desencantamento do mundo para, em seguida, mostrar o processo de modernização de Alagoa Nova paralelamente á sobrevivência das tradições, problematizando a figura das rezadeiras como um símbolo dessa tradição que permaneceu no moderno.

Por fim, no terceiro capítulo, adentraremos no universo simbólico das rezadeiras para entendermos como toda essa crença ganha vida em meio a um corpus social repleto de tecnologia e técnicas medicinais consideradas pelo saber oficial como cientificamente avançadas. Analisaremos, então, alguns dos símbolos mais utilizados e que desempenham função essencial no processo de cura, quais sejam: a memória dessas mulheres, o ramo, e as palavras pronunciadas durante a reza.

A escolha desses elementos simbólicos justifica-se pelo fato de ser uma constante nos processos de cura, uma vez que todas as rezadeiras entrevistadas utilizam-se de sua memória para balizar a crença, do ramo para “expurgar” os males, e de palavras específicas para cumprirem sua tarefa com êxito.

Estando a fé no topo da hierarquia valorativa (todas as rezadeiras afirmaram que sem a fé a cura não é possível), os demais elementos simbólicos e a memória funcionam como mecanismos para se alcançar a cura, estando, por isso, de um modo ou de outro, relacionados a fé, e guardando em si mesmos uma importância única.

Com base nessas considerações, adentraremos no ambiente religioso das práticas de cura promovidas pelas rezadeiras, a fim de “descortiná-lo” para conseguirmos enxergar melhor sua simbologia e entendermos o papel que desempenham na cidade de Alagoa Nova.

O marco espacial da pesquisa consiste nos ambientes urbano e rural da cidade de Alagoa Nova - PB, enquanto o marco temporal vai de 1980 a 2012, tendo sido escolhido como critério para o recorte desse período o ano em que a rezadeira pesquisada mais velha deu início às suas práticas até os dias atuais.

Pretende-se, então, trazer para o debate acadêmico toda a riqueza cultural das práticas de cura, demonstrando sua importância e o significativo papel que desempenham em um meio social pautado pela efemeridade, sendo as rezadeiras verdadeiras atrizes no palco da história, contribuindo para a preservação de uma prática tão rica culturalmente.

CAPÍTULO I

1. PASSEANDO PELOS CONCEITOS HISTÓRICOS...

Se não se fala muito sobre essas mulheres, ou se elas não são assunto tão comentado no cotidiano, por outro lado praticamente todos/as os/as moradores/as de Alagoa Nova conhecem uma rezadeira.

Percebemos que o sagrado subsiste no tempo quando vimos que hoje, na chamada modernidade líquida (BAUMAN, 2007), encontramos uma série de pessoas, tanto no campo quanto na cidade, homens e mulheres, jovens e velhos, que procuram ajuda para o corpo e o espírito, mesmo tendo outras opções mais “concretas”, como a medicina.

Para começar nosso passeio pelos conceitos históricos, iremos trabalhar a idéia de modernidade e suas mais diversas variantes, para assim compreendermos as múltiplas facetas pelas quais a sociedade vê o tempo presente.

Há algum tempo atrás, sentir-se vazio de sentido e distante de tudo, sem questões filosóficas profundas para se ocupar nem revelações a fazer, não era tão normal. Hoje essa situação é comum a muitas pessoas.

Jair Ferreira dos Santos (1991) tem idéias bastante peculiares sobre esse momento em que tudo parece ser tão fugaz, momento em que muitos denominam de *pós-modernidade* e que ele considera como sendo um fantasma, uma espécie de espectro que vagueia entre os atos e pensamentos e quase sempre não se faz aparecer.

Pós-modernidade, então, seria isso, um conjunto de acontecimentos ocorridos na sociedade tendo como âncora o desenvolvimento tecnológico, contribuindo para mudar o dia-a-dia dos seres, afetando cada vez mais um número maior de pessoas. Assim, este barco estaria navegando por novos mares ou, ao menos, no mesmo mar, porém a viagem agora estaria se dando de um modo diferente, com olhares e características diferentes, além de ter um fator fundamental: não se quer saber para onde vai.

[...] Mortos Deus e os grandes ideais do passado, o homem moderno valorizou a Arte, a História, o Desenvolvimento, a Consciência Social para se salvar. Dando adeus a essas ilusões, o homem pós-moderno já

sabe que não existe Céu nem sentido para a História, e assim se entrega ao presente e ao prazer, ao consumo e ao individualismo [...]. (SANTOS, 1991, p. 10 - 11).

Os produtos tecnológicos e a exposição frenética da informação conduzem as horas e as vidas, desfazem teorias e constroem novas concepções, sempre com um toque de acaso suspenso no ar, dando margem à percepção de que tudo pode acontecer.

A economia dissemina a individualidade e o vazio, assegurando que suas cobaias sejam excepcionalmente treinadas a tomarem decisões rápidas, baseadas apenas na frivolidade, e assim abrem-se as cortinas para o grande espetáculo triunfante do niilismo, “enterrando” as utopias e saudando o hedonismo.

Para Santos (1991), isso faz com que o culto do real seja feito no altar do irreal, ou hiper-real, como descreve, onde o desejo de transformar a realidade em algo fantástico passa pela construção desta por meio da imagem, fazendo com que a simulação seja responsável por criar a “realidade” desejável.

E daí? Daí que a levitação, em si desejável mas inviável na gravidade, parece ser possível na TV. O hiper-real simulado nos fascina porque é o real intensificado na cor, na forma, no tamanho, nas suas propriedades. É um quase sonho: Veja um close do iogurte Danone em revistas ou na TV. Sua superfície é enorme, lustrosa, sedutora, tátil – dá água na boca. O Danone verdadeiro é um alimento mixuruca, mas seu simulacro hiper-realizado amplifica, satura sua realidade. Com isso, somos levados a exagerar nossas expectativas e modelamos nossa sensibilidade por imagens sedutoras. (SANTOS, 1991, p. 13).

É justamente esta manipulação do real que faz com que o ser esteja em contato constante com os signos, embora rodeado por coisas propriamente ditas, culminando no tão conhecido vazio existencial.

O fato é que esse possível pós-modernismo parece se divertir com as catástrofes geradas pela modernidade, que não segurou as rédeas de seus próprios desejos e fez com que os limites fossem extrapolados, gerando tragédias como as bombas atômicas.

Apontando as mudanças que agem como fantasmas pelos cantos, desnudando o indivíduo e dando-o uma roupagem caleidoscópica, apresentando a máquina e a tecnologia como as diretoras da cena, Santos (1991) põe sobre o palco os principais personagens desse teatro que teima em se apresentar nas caravanas da vida.

Por outro lado, LIPOVESTSKY (2004) traz para a discussão o conceito de *hiper-modernidade*, como sendo o exagero em todos os campos da vida social. Cheios de incertezas e vivendo de ilusão, os indivíduos circulam tecendo teias de relações inspiradas nas mesmas que comandam o mercado econômico.

Amizades interessadas, que lembram contratos empresariais voltados para o aumento dos lucros internos, amores fugazes que lembram as novidades das prateleiras que logo saem de circulação porque não satisfazem mais, o hiper-individualismo que lembra a selvageria do mundo dos escritórios onde cada um se sente na obrigação de saber mais e ser melhor do que o outro para garantir sua boa posição, o culto ao corpo que lembra a busca incessante de aperfeiçoamento dos meios tecnológicos a fim de prolongar sua eficácia e vida útil, enfim, amando-se com o cérebro e pensando-se com o coração, presenciamos seres humanos contraditórios e ávidos por firmar definitivamente seus desejos.

[...] Por toda a parte, a ênfase é na obrigação do movimento, a hipermudança sem o peso de qualquer visão utópica, ditado pelo imperativo da eficiência e pela necessidade da sobrevivência. Na hipermodernidade, não há escolha, não há alternativa, senão evoluir, acelerar para não ser ultrapassado pela “evolução”: o culto da modernização técnica prevaleceu sobre a glorificação dos fins e dos ideais. Quanto menos o futuro é previsível, mais ele precisa ser mutável, flexível, reativo, permanentemente pronto a mudar, supermoderno, mais moderno que os modernos dos tempos heróicos[...]. (LIPOVETSKI, 2004, p.57).

A economia age como se tivesse que produzir tudo de uma só vez para ser consumido imediatamente, a ciência tenta inovar assustando, sempre correndo atrás de descobertas revolucionárias. Tudo tenta ultrapassar o anterior para se sentir o primeiro da lista, e assim continua-se a caminhada. O amanhã se transforma no fim para o indivíduo da hiper-modernidade.

Temos também o autor Sérgio Paulo Rouanet (1987) que, trabalhando acerca da chamada crise da modernidade, evidencia os principais fatos que permitem entender o processo de transformação pelo qual passamos levando em consideração uma espécie de continuidade, os frutos ou resultados de um processo, e não uma ruptura brusca e total dele.

Assim, Rouanet (1987) defende a idéia de que, se não estamos mais em uma modernidade, também não convém dizer que nos encontramos em uma pós-modernidade, revelando o autor que o mais sensato seria nos considerarmos vivenciando um período no qual ele chama de *neomodernidade*, cujas características veremos a seguir.

Analisando as questões que permeiam as características da modernidade econômica, política, cultural, da ciência e de tantas outras coisas, o autor cita os discursos intitulados “pós-modernos” que consideram os aspectos desta modernidade em desuso, quando não mortos, e logo após assume uma postura demolidora perante eles, desconstruindo-os.

Não tenho dúvidas sobre a realidade de todas as tendências que se autotransformam de pós-modernas, ou que são designadas como pós-modernas pelos críticos e teóricos, mas tenho dúvidas muito profundas sobre se elas representam efetivamente uma ruptura com a modernidade. [...] (ROUANET, 1987, p. 21).

Desse modo, é explicado que a modernidade econômica não está morta porque sua base (industrialização) foi substituída pela informatização, o que acontece é que estamos diante de um sistema capitalista em desenvolvimento, e não em ruptura.

Com a modernidade política ocorre o mesmo, ela não está morta porque as ações dos poderes não estão localizados unicamente na figura do Estado, antes fazem parte do resultado do próprio liberalismo moderno que, se não dá condições, ao menos “dá voz” aos mais diversos segmentos sociais.

Da mesma maneira ocorre com a cultura, onde os ditos pós-modernos apontam seu fim, sendo diluída dentro do imenso caldeirão social. Afirmam que a ciência se

apresenta na tendência em não mais se basear em “grandes narrativas”, e sim em argumentos não conclusivos, a filosofia em não mais buscar as sínteses especulativas, e sim mover-se contra utopias...

Enfim, até aqui a crítica pós-moderna tenta nos mostrar que dança com uma melodia bem diferente, mas o autor percebe que, na verdade, a melodia pode ser diferente, mas a música contém a mesma letra, portanto, dança-se igual!

Ora, a ciência continua sujeita às mesmas regras, a filosofia é especialmente moderna justamente pela crítica à modernidade, e na arte nos deparamos com criações estreitamente historicistas, e por isso modernas, onde a arquitetura é um bom exemplo disso: usam-se decorações góticas, da Antiguidade...

De uma forma geral, temos aqui uma visão de que a modernidade está em pleno desenvolvimento de seus caracteres, e que as inúmeras transformações com as quais nos deparamos constantemente não significam rupturas e um possível início da pós-modernidade, e sim o desenrolar dos já velhos sistemas.

Tendo isso em vista, observa-se que há, na verdade, um grande desejo de ruptura, uma vontade pulsante de renunciar a um conjunto de mazelas e sonhos frustrados que fazem parte dela.

Para a consciência pós-moderna, a modernidade tornou-se antiquada. Para a consciência neomoderna, ela nunca se realizou completamente. Para a primeira, ela está abandonando o palco e, para a segunda, ela continua em cena. A consciência temporal do pós-moderno está mergulhada no sonho; a consciência neomoderna rejeita o sonho. Ela despreza o historicismo e opta pela história. Das duas perspectivas, sustento que somente a neomoderna tem o poder de compreender o presente e de transformá-lo. [...]. (ROUANET, 1987, p. 26).

Com base nestes apontamentos e principalmente na idéia de uma nova perspectiva acerca das forças transformadoras que estão presentes na própria modernidade é que o autor constrói sua idéia de *neomodernidade*, a qual propõe uma conscientização do estado ambivalente da modernidade.

Rouanet, mesmo inserido nesta época e participando dela, consegue nomeá-la contundentemente sob o título de *neomodernidade*, como sendo não uma continuação fiel do antes, muito menos ruptura total e brusca alçando vôo. Apenas novas atitudes na velha modernidade. *Neomodernidade!*

Finalizamos a discussão acerca das categorias conceituais do moderno com as idéias de BAUMAN (2007), as quais compartilhamos e utilizamos como base para este trabalho.

Usando o termo *Modernidade Líquida* Zygmunt Bauman nos mostra toda a fluidez com que nos deparamos no dia-a-dia. A vida torna-se desconhecida, bela e cruel ao mesmo tempo, e o medo do futuro se transforma em inevitável necessidade de resolver o instante, então sonha-se, cria-se utopias, mas utopias estritamente particulares, que caminham em direção à um outro êxtase que tem pressa em acontecer, embora seja momentâneo e logo abra caminho para a necessidade de outro.

Corpos, espíritos e idéias lacradas, tudo usado para a realização própria, e aqui um vício só não basta, necessita-se da maior quantidade possível de possibilidades que a própria modernidade (líquida) tem a oferecer. Só assim consegue-se sentir vivo, participando de alguma coisa, pois o medo da incerteza que gira como redemoinho ao nosso redor faz com que se busque algum porto-seguro, algo que lhe dê até esperança.

Cada vez mais, fugir se torna o nome do jogo mais famoso do momento. Semanticamente, a fuga é o exato oposto da utopia, mas psicologicamente ela é, nas atuais circunstâncias, seu único substituto disponível: pode-se dizer sua nova versão, atualizada e no estado-da-arte, remodelada sob medida para nossa desregulamentada e individualizada sociedade de consumidores. Você já não espera seriamente fazer do mundo um lugar melhor para se viver; não consegue sequer tornar realmente seguro aquele melhor lugar do mundo que resolveu construir para si mesmo. A insegurança veio para ficar, não importa o que aconteça. Mais que tudo, “boa sorte” significa manter longe a “má sorte”. (BAUMAN, 2007, p. 108 - 109).

Modernidade na sua fase líquida. Para nossos antepassados isso poderia soar de maneira catastrófica, mas como olhar para nosso presente e não perceber quase tudo se desfazendo em processo de liquefação? A rapidez, a dinâmica veloz e o amontoado de

informações fizeram com que deixássemos de perceber com concretude os fenômenos sociais e passássemos a entendê-los de forma passageira, destituídas de sentido.

Observando todos esses conceitos, podemos chegar à conclusão de que pós-modernidade, neomodernidade e hiper-modernidade são sintomas de um mesmo acontecimento: a modernidade líquida, esta sim definindo o tempo presente de maneira efetiva, pois mostra o quanto este parece escorrer de nossas mãos, nos dando angústias corriqueiras diante da sensação de perda, mas, ainda assim, nos deixando ver detalhes do que teve início há muito tempo atrás, as continuidades, as tradições.

Assim, é interessante apontar todas essas mudanças que vêm saltando aos nossos olhos nos últimos tempos, porém, torna-se perigoso enquadrar tudo isso em uma nova época, já que nos deparamos a todo o momento com continuidades e permanências.

Talvez o mais correto a se afirmar seja que estamos passando por acontecimentos nunca antes vistos, mas que estão inclusos nos mesmos processos anteriores, basta ver o exemplo de carroças puxadas por cavalos serpenteando nas ruas das grandes cidades entre carros luxuosíssimos.

Assim sendo, o conceito de modernidade líquida é um dos que pode nos dá respaldo para explicar o fenômeno religioso das rezadeiras nesta perspectiva temporal, pois mostra que é possível a convivência dessas sensações cruzando o mesmo espaço: incertezas, medos e fluidez convivendo com o prazer da certeza, do “milagre” e da consistência da vida exalado pelo momento místico da reza proporcionando a cura.

Por outro lado, a discussão acerca da cultura nos reserva outros dilemas.

Por muito tempo a historiografia tradicional se fechou para as questões cotidianas, para a cultura que transbordava na casa e na rua por meio das práticas de sujeitos simples, deixando de mostrar para todos a riqueza das singularidades culturais do dia-a-dia.

Diante dessas considerações, o referencial teórico aqui utilizado está situado no campo da História Cultural, que nos apresentam um leque de possibilidades no tratamento dos temas ligados ao cotidiano e às práticas dos sujeitos históricos. A História Cultural, dando ênfase ao estudo das manifestações das massas, nos permite

explicitar o papel das classes sociais, suas estratificações e conflitos, sendo plural e apresentando caminhos alternativos para a investigação histórica.

A História Cultural, buscando corrigir as imperfeições teóricas que marcaram a corrente das mentalidades da década de 1970, surge como um campo epistemológico consistente, penetrando no cotidiano e analisando seus mais diversos símbolos, e para isso não rejeita a aproximação com outros campos das Ciências Sociais, como a Antropologia e a Linguística.

É de fundamental importância compreender que a História Cultural não recusa as expressões culturais das elites, mas revela especial apreço por aquelas manifestações que não tiveram um lugar nos quadros de pesquisa por muito tempo. Assim, apresentando caminhos alternativos para a investigação histórica, esse campo de saber torna-se a pedra angular para quem optar por estudar objetos e/ou manifestações culturais não tão percebidas pela sociedade.

Podemos traçar um perfil da História Cultural e demonstrar o quanto ela é ampla no trato das fontes, na metodologia e nas abordagens, por meio dos teóricos mais relevantes nessa área e suas contribuições. Carlo Ginzburg, com suas noções de cultura popular e circularidade cultural conseguiu perceber as práticas de um simples moleiro como fazendo parte de uma complexa rede cultural que não é estanque, mas que antes influencia e é influenciada por outras culturas.

Não compartilhando da dicotomia feita por Ginzburg em relação à cultura popular/cultura erudita, iremos utilizar seu conceito de circularidade para demonstrar o imbricamento de produções culturais presentes nas práticas das rezadeiras, que possuem conhecimentos provenientes de culturas indígenas, afro-brasileiras, etc., revelando também que tais práticas “circulam” em meio as mais diversas classes sociais e são utilizadas por estas com novos significados.

Por outro lado temos o historiador Roger Chartier com seus conceitos de representação e apropriação, nos mostrando que os sujeitos ditos comuns não são passíveis face aquilo que recebem, e sim se apropriam dos aspectos culturais dando-lhes novos significados ou representações. No caso aqui analisado, percebemos o quão as rezadeiras se apropriam de conceitos e práticas diversas para construir suas próprias representações frente à comunidade.

Como vimos, a História Cultural nos permite enxergar aquilo que era ofuscado pela história totalizante, bastante utilizada pelos historiadores. Então, no caso aqui exposto, é a História Cultural que irá nos permitir adentrar no cotidiano das rezadeiras e observar suas práticas como produtos e produtoras do meio social em que vivem.

Seguindo este raciocínio, teceremos algumas considerações acerca desse campo. Inicialmente, é preciso perceber a importância da Cultura por meio das análises de Denys Cuche (1999):

A noção de cultura é inerente à reflexão das ciências sociais. Ela é necessária, de certa maneira, para pensar a unidade da humanidade na diversidade além dos termos biológicos. Ela parece fornecer a resposta mais satisfatória à questão da diferença entre os povos, uma vez que a resposta "racial" está cada vez mais desacreditada, à medida que há avanços da genética das populações humanas. (CUCHE, 1999, p. 9).

Deste modo, verificamos a análise da cultura como o elemento que balizará esta pesquisa, aliada às teorias dos autores aqui utilizados (como Cuche, 1999; Chartier, 1995) e que tanto contribuirão para a melhoria dos debates nas Ciências Sociais, para assim entendermos como se dão algumas relações cotidianas em nossos tempos.

Como citou Cuche (1999) temos que pensar a diversidade da humanidade por meio de suas ações cotidianas, e foi sob essa perspectiva que estudamos os significados dados ao cotidiano pelas rezadeiras entrevistadas, observando sua prática cultural, pois:

A cultura permite ao homem não somente adaptar-se a seu meio, mas também adaptar este meio ao próprio homem, a suas necessidades e seus projetos. Em suma, a cultura torna possível a transformação da natureza. (CUCHE, 1999, P.10)

Com isso Cuche(1999) nos mostra que a dinâmica do espaço e das redes de sociabilidade tem como base a cultura, que se expressa nas manifestações humanas, das mais singulares às mais complexas. Esse ponto nos remete ao saber-fazer das rezadeiras

que, mesmo atuando “nos bastidores da vida social” (elas não tem tanta visibilidade na cidade), criam e recriam possibilidades de viver o sagrado por meio de suas práticas de cura, dando sentido ao cotidiano, isso porque, quando determinada pessoa busca a cura por meio dessas mulheres, está colocando em cena todo um conjunto de entendimentos que regem seu cotidiano.

Quando Cuche (1999) aponta a cultura como mecanismo dinâmico de mudança e adaptação ao meio, faz-nos pensar em quão importantes são aquelas práticas culturais que sobrevivem a um momento histórico que tem como uma de suas principais características a descaracterização de tais crenças. Assim, as rezadeiras, ao mesmo tempo em que preservam crenças culturalmente estabelecidas, nos mostram que suas atitudes refletem o entendimento, a dinâmica e a adaptação que determinados sujeitos históricos possuem em relação ao meio.

Do mesmo modo, entramos em outro ambiente cheio de peculiaridades e aspectos a serem observados e analisados: O significado do conceito de “cultura popular”. Neste trabalho estaremos lidando o tempo todo com as manifestações emanadas de mulheres ditas “comuns”, “do povo”, e por isso usaremos o termo cultura popular quando nos referirmos às práticas de rezas usadas por estas mulheres. Para isso, temos que entender melhor alguns pontos-chaves sobre essa questão.

Assim como o conceito de cultura foi sendo modificado ao longo do tempo, sendo entendido por muito tempo como a antítese de civilização (e aqui o debate franco-alemão contribuiu bastante para essa noção) até chegar aos estudos mais recentes que tratam a cultura como sendo as percepções, apropriações e usos cotidianos dos sujeitos históricos, nada tendo a ver com práticas de maior ou menor valor, apenas significativas em seu contexto, do mesmo modo houve (e ainda há) um litígio perceptível sobre o que se entende por cultura popular.

Segundo Chartier (1995) o conceito de cultura popular não cabe nesse momento nos estudos sobre a cultura, isso porque as pessoas das camadas mais baixas, conhecidas como a massa, não se dizem produzir “cultura popular”. Caso sejam questionados sobre isso, dirão que produzem apenas cultura.

Seguindo essa linha de raciocínio, Chartier (1995) afirma que tal conceito foi criado pelas elites para “enquadrarem” o povo em um espaço pré-definido, uma espécie

de fronteira que delimitaria em termos de contraposição a cultura popular (do povo) e a cultura erudita (das elites). Essa divisão serviria como tentativa por parte das elites de menosprezar o outro modelo cultural, tornando-o insignificante.

Ora, essa divisão faz entender que existe cultura estanque, delimitada em seu lugar, que não influencia nem sofre influência de outras, quando na verdade os estudos já mostram que a tão conhecida circularidade cultural, da qual Ginzburg (2007) tratou com maestria, ocorre plenamente em todas as culturas. Aqui, por exemplo, estamos analisando a cultura de rezadeiras, mas encontraremos nela aspectos da cultura africana, indígena, etc. Observemos então o que diz Chartier (1995) sobre isso:

[...]A "literatura popular" e a "religião popular" não são tão radicalmente diferentes da literatura da elite ou da religião do clero, que impõem seus repertórios e modelos. Elas são compartilhadas por meios sociais diferentes, e não apenas pelos meios populares. Elas são, ao mesmo tempo, aculturadas e aculturantes. (CHARTIER, 1995, P.183 - 184).

Compreendemos que o contato de uma cultura com outra promove influências, pois esse processo de intercâmbio é dinâmico e escapa um pouco às consciências dos indivíduos, os quais costumam enxergar tais práticas como sendo “puras”, livres de qualquer influência, como se elas tivessem se desenvolvido com características únicas e próprias.

Dessa maneira, utilizaremos aqui o termo “cultura popular” com a intenção de tratar de uma cultura que vem do povo, sem cairmos no erro de julgar ou medir valores culturais, mas apenas demarcar o terreno pelo qual andaremos: o da cultura vivida pelo povo, aqui representado pelas rezadeiras, mulheres simples que pouco ou nada estudaram, mas que conservam grande conhecimento advindo da experiência, adquirido por meio da oralidade.

A terminologia utilizada para referir-nos às senhoras que benzem será **rezadeira**, uma vez que na região é esse o nome pelo qual elas são reconhecidas.

1.1. A mulher e a arte de curar

A imagem clássica da mulher nasceu da repressão à sabedoria e ao poder que emanam do feminino. Quando o patriarcalismo começou a dominar as culturas (principalmente a ocidental), a mulher foi relegada a segundo plano, passando a ser vestida com o véu da submissão, do enquadramento e da sensibilidade, que em nada tinha a ver com o poder de observação e raciocínio, mas antes com a fragilidade.

Passando o tempo, a historiografia não optou por privilegiá-la ou, ao menos, citá-la de maneira crítica, mas tomou para si um conjunto de métodos de escrita que, ora a tornava invisível, ora a depreciava, tentando colocar o sexo feminino em um patamar inferior ao masculino. Assim, as mulheres foram, por muito tempo perdendo lugar na cena da História, sendo camuflada por discursos que as reduzia aos rótulos de sensibilidade exacerbada, fragilidade, dependência, raciocínio inferior.

Nessas sociedades patriarcais, então, as mulheres foram se tornando “cidadãs de segunda classe”, confinadas ao universo do lar, cujo principal papel social seria o da maternidade. A outra opção era a vida mundana, onde não teriam proteção de quem quer que seja e estariam sujeitas a todo e qualquer mal que a vida pudesse lhe oferecer.

Durante todo esse tempo as mulheres resistiram à opressão, mas foi apenas no final do século XVIII que o sexo feminino derrubou a cortina e exigiu um papel de destaque frente à sociedade. As mulheres não mais queriam viver sob o julgo masculino, buscavam agora meios para exercer seus direitos.

Surgiram então as sufragistas, as feministas e, na segunda metade do século XX despontavam com todo furor. Queriam estudar, votar, mostrar suas opiniões, vestir as roupas que gostavam, casar-se com quem e se quisessem. CUNHA (2000) explica que essa atitude se dá em oposição a uma visão inferior historicamente constituída acerca da mulher:

Tal imagem começa a ser definitivamente recusada pela mulher a partir da segunda metade do século passado. Também é rejeitado o destino social de permanecer confinada no âmbito das atividades

domésticas, exercendo unicamente as funções de mãe e esposa, só assim adquirindo status, através do casamento. (CUNHA, 2000, P.143).

Surgiam os anticoncepcionais, a mini-saia, o Rock in Roll, e nas décadas de 1970 e 1980 entraram na vida produtiva, passando a competir com os homens e (ironia da História) até assumindo o modelo masculino de poder. Chegamos então ao tempo da “Marcha das Vadias”³, onde o alerta gira em torno do preconceito zero. Ser mulher, agora, seria viver de acordo com suas próprias regras e desejos.

Mas, desde tempos remotos a mulher era a grande senhora da magia, da natureza. Era ela quem desempenhava o papel de mediadora da comunidade, quem iniciava os ritos em honra à Deusa, quem exprimia sua sabedoria médica ao colher ervas dos campos e fazer poções para a cura dos males ou outra coisa qualquer. Era ela mesma a personagem principal...

Quando o cristianismo começou a exercer seu domínio na Europa, na Idade Média, as figuras femininas tiveram de ser enquadradas em modelos pré-estabelecidos pela igreja, onde a obediência e a pureza eram as máximas a serem seguidas. As que não se enquadravam eram consideradas (pejorativamente) bruxas, que eram duramente perseguidas, por serem mulheres e por serem bruxas, reflexos do “medo da mulher” desencadeado por uma sociedade que ainda desconhecia determinados funcionamentos corporais, psicológicos e até sociais, como um todo. Havia, então, em grande medida, intolerância social frente ao desconhecido.

O fato é que as mulheres sempre desempenharam um papel diferente daquele que a igreja propunha em relação ao sagrado. Ao longo do tempo elas tiveram uma forma mais “pessoal” de lidar com o sobrenatural, como no caso das rezadeiras, por exemplo.

Mesmo quando afirmam que o problema pode ser de ordem mundana, elas dizem que foi influenciado por algum aspecto ligado ao divino. Por exemplo: se afirma

³ Movimento que surgiu em 2011, em Toronto (Canadá), a partir de um protesto contra a crença de que o estupro de mulheres se dá devido suas vestimentas provocantes. Desde então se institucionalizou, passando a ser realizado em vários países.

que uma criança adquiriu uma doença devido a bactérias e que precisa ir ao médico, por outro lado diz que tanto a doença quanto sua cura depende da vontade divina.

Com isso percebemos que a ligação entre o *feminino* e o *sagrado* engloba em seu âmago enorme riqueza de detalhes que servem para entender o funcionamento histórico e social das comunidades.

A prática das rezadeiras não consiste em uma religião no sentido oficial do termo, com qualquer regularização ou institucionalização, mas antes representa uma espécie de aglomerado de práticas religiosas advindas de diversas culturas (africanas, indígenas, européias), fator que comprova a incrível coexistência (e permanência) de rituais de diferentes religiosidades.

Essa coexistência nos remete ao fato de que uma rezadeira pode pertencer a qualquer denominação religiosa, não precisando ser necessariamente católica, espírita ou candomblecista, por exemplo, para ser rezadeira, quebrando as barreiras dos particularismos institucionais impostos ao sagrado pelas conveniências mundanas.

Mas o que toda essa fluidez das práticas de cura realizadas pelas rezadeiras pode nos dizer? À primeira vista, podemos perceber o quão “democráticas” são tais práticas, no sentido de poderem ser realizadas por qualquer pessoa, mas, mais que isso, nos mostra o quanto esse seu caráter fluído é, ao mesmo tempo, vigoroso, pois exerce grande influência sob os sujeitos que participam desse universo sagrado da cura, tornando-se o próprio mecanismo de elevação para um patamar onde suas crenças, ritos e símbolos tornam-se cristalizados, simplesmente inquestionáveis por aqueles que se submetem à cura.

Estamos falando desse embate sub-reptício entre o mundo que acabamos de descrever e essas mulheres, inseridas na cultura popular e praticantes de uma religiosidade também considerada popular, que guardam um saber passado intergeracionalmente e que vem de tempos imemoriais, ou seja, bem longe dos padrões valorativos típicos de uma sociedade capitalista.

Assim, notamos que a rezadeira não é um sujeito coadjuvante no processo histórico, ela é levada a sê-lo pela conjectura social que tenta “apagar” os indivíduos em nome de uma pretensa homogeneidade social. Mas ela se nega a ocupar tal lugar secundário, dando continuidade à suas práticas e fazendo com que a população local

necessite de seus serviços e a coloque novamente em um lugar de destaque. Essa é a sua prática de resistência, mesmo que, na maioria das vezes, seja uma prática inconsciente.

Elas eram as médicas da época, as mediadoras dos conflitos, aquelas que detinham os conhecimentos das ervas, sabiam curar, entendiam os ciclos e as mensagens da natureza, eram senhoras da alquimia, dos caldeirões, dialogavam com as estrelas. Eram sábias as mulheres dantes, e tal sapiência perdura no tempo.

Atualmente, muitas dessas práticas mágicas(?) se perderam, outras foram ressignificadas. Mas é justamente nas práticas cotidianas das rezadeiras que encontramos maior parte desses aspectos, e é por isso que podemos afirmar que estas são as “sucessoras” de crenças iniciadas em tempos e lugares longínquos.

Como podemos perceber nas seguintes considerações feitas por NOGUEIRA (2004), a arte de curar esteve relacionada, por um bom tempo, às práticas maléficas, mas, ainda assim, ocupava lugar de destaque na comunidade, sendo uma prática necessária:

Mas, apesar das condenações, os homens da Idade Média necessitam da presença da feiticeira como terapeuta de seus males físicos e sociais. Atuando na aldeia, a feiticeira sobe o castelo do nobre, ao palácio do bispo e inclusive ao próprio paço real. A consciência medieval resgata da Antiguidade a idéia da ação mágica benéfica, que justifica a existência da *boa feiticeira* que, na visão popular, e até mesmo na erudita, empregava seus conhecimentos resultantes de séculos de práticas acumuladas de feitiçaria – para curar ou amenizar doenças. (NOGUEIRA, 2004, P. 44 - 45).

No caso acima, a prática de cura, estando ligada à feitiçaria, possuía duplo sentido: era boa em relação às necessidades do cotidiano e má em relação aos dogmas católicos. Hoje podemos afirmar que a rezadeira se encontra em posição parecida no que diz respeito às suas funções, pois é alvo de crença e descrença. Quando são acreditadas pela população recebem a “coroa de louros” por contribuírem para o equilíbrio e manutenção da saúde, e quando não o são, passam a ser vistas como simples praticantes de crendices passíveis de incredulidade.

De tradição secular, as rezadeiras representam uma figura interessante para o olhar do historiador. Dedicando pouca ou boa parte de seu dia e de sua fé para curar os outros, elas impõem suas mãos, clamam pelo divino e penetram no imaginário popular. Em Alagoa Nova, onde o moderno se mistura mansamente com o tradicional, moldando o cotidiano a cada dia, e onde a questão religiosa ainda é forte, as rezadeiras desempenham papel de milagrosas no imaginário popular.

Originalmente, as rezadeiras, assim como suas práticas de cura, estavam associadas às tradições do mundo rural, onde possuíam uma afetividade familiar e comunitária singular, com ideais de solidariedade entre vizinhos. Hoje podemos encontrá-las em lugares diversos, mas no nosso caso a maioria das rezadeiras mora na zona rural e, mesmo as que moram na cidade, viveram por algum período de suas vidas no campo.

Por se constituir num ofício inserido no ambiente doméstico, esta prática está intimamente associada ao cotidiano destas mulheres. Foi comum acontecer momentos em que, durante a entrevista, chegasse alguém solicitando suas rezas, e assim constatou-se que elas, por muitas vezes, tinham que deixar de lado os seus afazeres domésticos para atender seus “clientes”.

Também, com relação à periodicidade dos rituais de curas, as rezadeiras alvo de nossas pesquisas afirmaram não ter uma data ou período específico do ano para a sua realização, entrando apenas em um consenso com os que as procuram para que o ofício não precise ser realizado no período da noite.

Relembrando uma tradição que vem desde tempos imemoriais, a arte de curar insiste em se manter viva nesses novos tempos, dando sentido àquilo que escapa ao entendimento dos sujeitos. Outrora as bruxas, hoje as rezadeiras. Cada qual com suas especificidades históricas, psicológicas e sociais, essas mulheres buscaram promover o equilíbrio corporal e espiritual através da saúde e da fé na cura, desse modo, desempenharam e continuam a desempenhar (no caso das rezadeiras) um papel de destaque frente à comunidade, que continua a buscar seu auxílio.

CAPÍTULO II

2. UM MUNDO DESENCANTADO?

Não será verdade que toda ciência, no final, se reduz a um tipo de mitologia? (De uma carta de Freud a Einstein em 1932). (FREUD, Apud ALVES, 1988, p. 83).

Entra em cena a ciência, com toda sua elegância intelectual e habilidade para afirmar ou negar fatos de acordo com seu crivo. O século XIX dá continuidade a um processo que já vinha se fundamentando desde o iluminismo.

Essa mudança de concepções fez com que a sociedade moderna voltasse cada vez mais seus ouvidos para os sussurros da ciência. ALVES (1988) aponta para este fato:

Com o progresso da história e a progressiva emergência das formas científicas de pensar, acrescentava-se, o homem estava aos poucos se educando para a realidade, e dentro em breve deixaria para trás, definitivamente, as suas ilusões religiosas. Da mesma forma como o girino abandona sua causa para transformar-se em sapo adulto. Augusto Comte falava, assim, nas três fases do desenvolvimento humano. A mais primitiva de todas seria a religiosa. Depois dela veio o período metafísico que nos seus dias já estava desaparecendo sob o impacto de uma forma científica, positiva, de compreender a realidade. Freud sugere uma explicação semelhante. Nos primórdios do desenvolvimento humano, antes que o homem tivesse sido forçado a aceitar o determinismo de ferro do princípio da realidade, ele pensava que o mundo poderia ser moldado pelo poder dos seus desejos. Que é a magia do homem primitivo senão a crença na onipotência do desejo? As lógicas da mente do homem primitivo, da mente da criança e da mente do neurótico se unificam em torno deste princípio. Que é, então, a religião? Ela é uma expressão social da ilusão, uma forma de infantilismo, a neurose obsessiva da humanidade. Mas com o advento do novo deus, a ciência, os velhos deuses teriam, inevitavelmente, de ser relegados ao passado. Em Marx, se a estrutura da explicação se torna diferente, as linhas gerais do “script” permanecem inalteradas. Religião é o produto de uma sociedade irracional e opressiva, um conjunto de ilusões necessárias para que o homem possa suportar as correntes que o escravizam. “A religião é o suspiro da criatura oprimida”. Desaparecendo a opressão, por que suspirar? Com o advento da revolução e a instauração de uma sociedade livre, a religião haveria inevitavelmente de desaparecer. (ALVES, 1988, p. 167).

Diante dessa extensa citação podemos afirmar que ALVES (1988) nos diz o que queremos compreender: As novas maneiras de se olhar o mundo estavam suplantando com suas teorias racionais as velhas crenças que por tanto tempo serviram como base para as respostas acerca da complexidade da existência. Como bem nos mostrou o autor, a religião passava a ser considerada uma fase infantil do homem (ou humanidade) e iria ser substituída logo pela cientificidade do mundo moderno.

O grito anunciando o fim da religião soou de maneira aguda aos ouvidos de todos, pensava-se então em uma nova era onde a Ciência (agora com “C” maiúsculo assim como o “D” de Deus) controlaria e nortearia os rumos da História.

As mudanças no tempo histórico apontavam, realmente, para esse fato. E assim Rubem Alves continua:

A teologia da secularização, a teologia da morte de Deus, os diálogos entre cristãos e marxistas (especialmente na Europa), a teologia da libertação, com a sua substituição da transcendência vertical por uma transcendência horizontal, exprimível em termos de futuro, e em última análise o próprio concílio do Vaticano II – que são estes momentos do pensar e do viver da fé senão um repensar da tradição, sob a ameaça apocalíptica do fim de uma era que tinha na religião um dos eixos em torno do qual ela havia constituído a compreensão de si mesma? (ALVES, 1988, p. 167).

Rubem Alves aponta alguns dos mais significantes eventos que proporcionaram tal mudança, e foi assim que a idéia de “desencantamento” do mundo tomou corpo e as antigas tradições foram jogadas no labirinto histórico para serem devoradas pelo Minotauro.

E como não lembrar-se de Nietzsche, o “grande martelo do Ocidente”, que com sua língua ferina saiu a anunciar a “morte de Deus” a todos que tivessem ouvidos para escutar?

“[...] Deus morreu! Deus continua morto! E fomos nós que o matamos! Como havemos de nos consolar, nós, assassinos entre os assassinos! O que o mundo possuiu de mais sagrado e de mais poderoso até hoje sangrou sob nosso punhal – Quem nos lavará desse

sangue? Que água nos poderá purificar? Que expiações, que jogos sagrados seremos forçados a inventar? A grandeza desse ato não é demasiado grande para nós? Não seremos forçados a tornarmos nós próprios deuses – mesmo que fosse simplesmente para parecermos dignos deles? Nunca houve ação mais grandiosa e aqueles que nascerem depois de nós pertencerão, por causa dela, a uma história mais elevada do que o foi alguma vez toda essa história.” O insensato se calou depois de pronunciar essas palavras e voltou a olhar para seus ouvintes: também eles se calaram e o fitaram com espanto. (NIETZSCHE, 2008, p.150).

O novo mundo que surgia no horizonte era anunciado como boa-nova por Nietzsche, que insistia em demonstrar o caráter positivo da morte dessa quimera chamada Deus:

[...] O homem se reconcilia com a terra e a fertiliza com o seu amor. É por isso que para Nietzsche o anúncio da morte de Deus tem a qualidade de uma “boa-nova”, porque ela significa permissão para a vida, para o mundo, para o futuro. (ALVES, 1988, p. 78).

E surge então a possibilidade do nascimento do “super-homem”, indivíduo idealizado por Nietzsche como sendo aquele emancipado, totalmente livre dos mitos e, conseqüentemente, das religiões que aprisionaram por tanto tempo as mentes e os corpos humanos com seus sermões que falavam de pecado, inferno e ranger de dentes.

Max Weber (1864-1920) também anunciou o “desencantamento do mundo”, o qual, para ele, estaria ocorrendo devido o processo de racionalização da sociedade. Interessado pelas imagens religiosas do mundo, Weber analisou a Reforma Protestante e seus resultados e entendeu que o controle constante dos próprios progressos morais foi a pré-condição para a instauração do racionalismo econômico. O ativismo racionalista dos puritanos foi um forte fator que dispôs a afirmação de um novo tipo de homem, o capitalista.

A racionalização, então, promoveu a concepção utilitarista do homem e a concepção manipuladora da natureza, além da fé no valor intrínseco do acúmulo, seja ele econômico, seja do tipo tecno-científico. O autor continua seu raciocínio afirmando que esta racionalização está repleta de conseqüências negativas, tanto para o âmbito da

relevância social da religião, quanto para o desenvolvimento da própria sociedade moderna.

Da mesma forma, o cientificismo ateu também criou, junto com os demais elementos da cultura moderna, um mundo objetivo pautado pela experimentação. Desse modo, o autor leva até as últimas conseqüências o processo do racionalismo ocidental, que comporta o desencantamento da própria imagem cientificista do mundo que, na época positivista, assumiu o papel de substituto funcional da religião.

Quando observamos as práticas das rezadeiras, adentramos em questões citadas por Weber e que nos mostra o modo pelo qual estas mulheres se organizam socialmente. Por meio do sentimento comum revelado pela crença na cura por meio de rezas e ervas, elas desempenham papel singular na cidade, formando um grupo, e assim dão continuidade às suas tradições:

Somente quando, em virtude desse sentimento, as pessoas começam de alguma forma a orientar seu comportamento pelo das outras, nasce entre elas uma relação social – que não é apenas uma relação entre cada indivíduo e o mundo circundante – e só na medida em que nela se manifesta o sentimento de pertencer ao mesmo grupo existe uma "relação comunitária" " (WEBER, 2009, p. 26).

É importante ressaltar que as religiões analisadas são aquelas chamadas por Weber de religiões de salvação que, necessariamente, têm como característica o ato transcendente de sair deste mundo depositando sua fé, esperança e principalmente a plenitude da salvação no outro mundo.

O termo *desencantamento do mundo* utilizado por Weber, portanto, tem dois sentidos: o sentido religioso, que fala no desencantar do mundo através da religião, uma vez que o novo modelo religioso estaria determinando o modo de viver das pessoas e reformulando a visão destas, inclusive sua postura em relação ao mundo, e o sentido que diz respeito ao fato de que a ciência não estaria conseguindo explicar o mundo por completo, mas antes a cada parte de maneira causal, portanto, enveredando em explicações que apresentam causas dos fenômenos que ocorrem.

2.1. A tradição que (sobre)vive na modernidade

Mas, será mesmo que todos esses “profetas” estavam certos? O mundo tornou-se desencantado? A ciência e a tecnologia retiraram dos espíritos humanos suas crenças no universo simbólico da religião? Bom, para encontrarmos as respostas, basta olhar para os lados e perceber o caso das nossas rezadeiras e dos demais sujeitos históricos que as procuram dia e noite a fim de serem atendidos por meio da intervenção do sagrado.

Parece, entretanto, que algo andou errado com os profetas e as suas profecias. Porque bem no meio dos funerais de Deus e do réquiem à religião, a chuva de novos deuses começou a cair e um novo aroma religioso encheu os nossos espaços e o tempo. Parece-se que não se pode contestar que as formas cristalizadas e institucionalizadas da religião estão em declínio. Por outro lado, entretanto, não se pode negar o surto de um novo fervor religioso, assumindo agora formas novas e inesperadas. (ALVES, 1988, p. 167).

Podemos dizer que uma dessas novas formas com que o sagrado se manifesta atualmente está consubstanciada nas práticas das rezadeiras que, sendo católicas ou de qualquer outra religiosidade, seguem os ensinamentos populares tradicionais.

Em meio a todo o processo de modernização do mundo, Alagoa Nova também desempenhou seu papel de cidade moderna adotando alguns símbolos da “civilização”.

Alagoa Nova localiza-se na microrregião do brejo paraibano e limita-se com os municípios de Esperança, Remígio, Areia, Lagoa Seca, Alagoa Grande, Massaranduba e São Sebastião de Lagoa de Roça. De clima ameno, o frio se faz sentir com maior rigor nos períodos chuvosos, fator típico das terras altas do brejo.

Esta cidade originou-se de uma Sesmaria concedida pelo governador Francisco Xavier de Miranda ao Alferes José de Abreu Tranca em 1763. Abreu Tranca residia na comarca de Pombal e as terras que lhes foram concedidas compreendiam o espaço que ia do Olho D’água da Prata até a Aldeia Velha, localidade ocupada pelos índios Bultrins, da nação Cariri, muitos dos quais mortos ou escravizados durante a invasão de fazendeiros à suas terras.

O principal ponto turístico da cidade consiste numa lagoa, hoje conhecida como Parque da Lagoa. Foi justamente nos arredores deste lugar que deu início a sua formação, uma vez que os antigos sertanejos, ao passarem por ali com seu gado, paravam para refrescar estes com a água da lagoa, logo depois, devido à seca em algumas áreas do Sertão, pessoas foram migrando para o brejo e construindo casas, formando uma pequena vila.

Em 1790 passou a ser distrito da Vila Nova da Rainha (atual Campina Grande), em 1837 foi elevada à categoria de Distrito de Paz por ato do governador provincial e em 1850 voltou a pertencer a Campina Grande, recebendo o estatuto de Vila, desmembrando-se novamente em 1904, quando foi elevado à categoria de município. No ano de 1938 teve seu nome substituído por Laranjeiras, passando a ser conhecida como Alagoa Nova desde 1943.

No entanto, como Alagoa Nova foi palco da Revolta de Quebra-Quilos em 1874 e teve boa parte de sua documentação histórica queimada, essas datas são alvo de questionamentos ainda hoje.

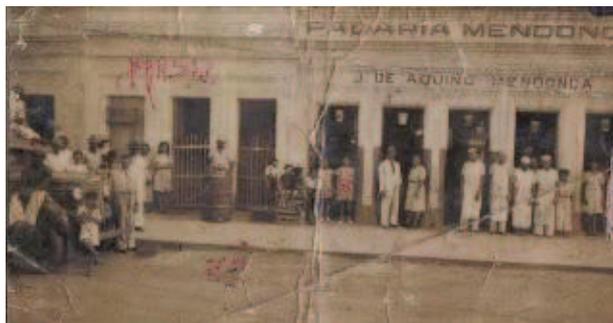
Conhecida como terra de senhores de engenho, com uma história marcada por conservadorismos, guardando ainda na memória os sermões do antigo Mons. José Borges de Carvalho, que exerceu seu sacerdócio por 43 anos, sendo a maior parte em Alagoa Nova, onde se destacou principalmente pelo seu temperamento austero, tendo sido considerado por religiosos e leigos como um verdadeiro receptáculo da moral cristã... Tudo isso faz desta uma cidade com destacados requintes tradicionais.

Andar pelas suas calçadas ainda nos faz lembrar o tempo onde as mulheres passavam compostamente vestidas, carregando suas crianças, que iam caladas olhando ao redor, sem ousar discutir uma ordem dos adultos, que se reuniam em bodegas para jogar conversa fora, fumar e compor suas histórias ao sabor das cachaças vindas dos engenhos ali próximos.

Os poucos prédios históricos também nos remetem a tempos onde a eletricidade e o rádio eram artigos de luxo. Dormia-se cedo, ia-se à missa, principalmente aos domingos, comprava-se e vendia-se na feira, que misturava no ar todos os aromas de frutas e verduras.

Também há uma forte ligação entre o campo e a cidade. No século XIX as estradas eram pouco adequadas para o ritmo que a modernidade impunha aos lugares, dever-se-ia também pensar em automóveis que substituíssem os animais no transporte. O moderno chegava de mansinho na cidade que, já no século XX, dispunha de alguns recursos que a punha em sintonia com o desenvolvimento que se dava “lá fora”.

De maneira ainda tímida, no início da década de 90 os serviços públicos como os de saúde já tinham sido delineados. Eletricidade, sistema de correios, uma Casa de Caridade, cemitério, escolas, enfim, eram os “novos tempos” chegando.



Padaria Mendonça. Anos 30 e 40.

Fonte: http://historiaenaturezapb.blogspot.com.br/2009_04_01_archive.html

A foto acima é bastante significativa para a nossa discussão, uma vez que revela uma cena cotidiana do povo de Alagoa Nova. Todos em frente à padaria, a qual é mais um símbolo da modernidade, parece fazer pose para a foto, mas o que devemos notar com mais atenção é que, além da padaria, outros objetos modernos estão contidos nesta fotografia: um carro e a própria máquina fotográfica. Tais elementos demonstram que esta cidade ia se aperfeiçoando, pouco a pouco, ao ritmo desenfreado da modernidade.

Outra imagem significativa é esta logo abaixo, o antigo coreto da cidade, que demonstra a mudança/permanência. Símbolo de sociabilidade, foi derrubado a muito tempo atrás, pois, ao contrário de outras cidades como Areia, que ainda preserva muito de seus bens patrimoniais, Alagoa Nova destruiu boa parte do seu patrimônio, dando passagem a prédios modernos e novas construções.

Por outro lado, se hoje não se têm o coreto, têm-se as praças e a própria lagoa, onde as pessoas se reúnem no final de semana para usar tais lugares como espaços de sociabilidade.



Antigo coreto de Alagoa Nova. 1919-1938

Fonte: http://historiaenaturezapb.blogspot.com.br/2009_04_01_archive.html

Dando um salto na História, chegamos aos tempos atuais e olhamos para a cidade com nostalgia. Quase tudo que é lançado pelo mundo da tecnologia entra em Alagoa Nova, seja pelo conhecimento transmitido pela internet ou outros meios de comunicação, seja pela possibilidade de compra da população.

Se pararmos no centro da cidade e olharmos ao nosso redor podemos encontrar pessoas pegando ônibus para viajar ou trabalhar, crianças e adolescentes indo e vindo das escolas públicas ou privadas, ambulâncias correndo em direção ao hospital, consultórios odontológicos, mulheres comprando roupas ou qualquer outro objeto de consumo nas lojas, supermercados contendo inúmeros artigos modernos.

Passeando mais um pouco e pedindo licença a entrar nas casas, encontraremos televisores e computadores de última geração à nossa frente, e provavelmente os donos das casas não poderão nos dar atenção, já que estarão falando ao celular ou de saída para algum evento. Seríamos inebriados pelo barulho das motos rasgando o asfalto, dos carros de som anunciando os lançamentos musicais, do choro das crianças esperneando-se por um *Playstation*. As luzes da cidade à noite, mais calmas e coloridas, nos explicariam melhor as mudanças do tempo...

No campo, a mesma coisa. Internet e automóveis prevalecem.

Mas, encravados nessa modernidade que aportou na cidade e passou a ditar as regras, estão àqueles sujeitos que escapam à nossa visão descuidada. São aqueles, em sua maioria idosos, que lutam diariamente preservando a memória de tempos que já se foram e trazendo para suas ações cotidianas pitadas da tradição de outrora.

Em uma casa qualquer, espremida por outras mais luxuosas, poderemos encontrar um pote de barro, uma parede chapiscada, mulheres que ainda se reúnem na frente de suas casas depois do almoço para conversarem. Também podemos achar uma bodega perdida em uma esquina, um senhor caminhando em seu silêncio e altivez em direção a sua casa, desviando de jovens com *piercings* no nariz, vestido com uma calça de tecido fino suja de terra, uma blusa de mangas comprida enrolada até o cotovelo, um chapéu de palha e um cachimbo na boca, soltando a fumaça do passado pelos cantos da cidade.



Vista aérea da cidade de Alagoa Nova – 2011.

Fonte: caririnews2011.blogspot.com

E chegamos então às nossas rezadeiras, personagens tão tradicionais que sobrevivem em Alagoa Nova acirrando o confronto entre a modernidade e a tradição. Estas são algumas das personagens que simbolizam ao mesmo tempo uma das maiores resistências (inconsciente) às inovações tecnológicas e uma bela manutenção de uma cultura rica em simbologias.

O ofício das rezadeiras, no contexto das práticas culturais e religiosas, ocupam papel significativo na sociedade, visto que essas mulheres, com suas rezas, procuram minimizar os males do corpo e do espírito, utilizando o saber popular como o balizador

do seu trabalho, onde rezas, chás e banhos de ervas, propiciam o alívio dos homens, mulheres e crianças que as procuram.

Assim, mesmo diante da tecnologia, dos avanços da medicina e demais símbolos da modernidade, Alagoa Nova continuou a conservar tradições peculiares como as das rezadeiras.

Tão remoto quanto à origem do ser humano, os rituais de cura por meio do auxílio da natureza estão presentes até hoje, e nos remete muitas vezes às divindades protetoras de origem africana, indígena e européia. As imagens de santos que surgem grudados às paredes parecem querer nos convencer de uma vez por todas do sincretismo religioso ali existente.

No Brasil colônia, assim como nos mostra PRIORE (2010), as práticas de curandeirismo eram constantes entre os sujeitos devido, entre outros motivos, a precariedade da medicina especializada:

Desprovidos dos recursos da medicina para combater as doenças cotidianas, as mulheres recorriam a curas informais, perpetuando assim uma subversão: em vez dos remédios, eram elas que, por meio de fórmulas gestuais e orais ancestrais, resgatavam a saúde. A concepção da doença como fruto de uma ação sobrenatural e a visão mágica do corpo as introduzia numa constelação de saberes sobre a utilização de plantas, minerais e animais, com os quais fabricavam remédios que serviam aos cuidados terapêuticos que administravam. Além desses conhecimentos, havia os saberes vindos da África, baseados no emprego de talismãs, amuletos e fetiches, e as cerimônias de cura indígenas, apoiadas na intimidade com a flora medicinal brasileira. (PRIORE, 2010, p. 88 - 89).

Esta prática secular de cura através de benzimentos ainda é cultivada pelas rezadeiras de Alagoa Nova, que residem em comunidades rurais e urbanas. As mulheres entrevistadas neste trabalho comprovaram, por meio de suas falas, o quão imerso em simbologias sagradas a cidade e seus arredores ainda estão.

Assim como dantes, as rezadeiras continuam a viver mergulhadas nesse universo simbólico, deixando o mundo mais encantado...

O papel da curandeira ou benzedeira consistia em retirar o *doente* do mundo profano, graças ao emprego de palavras, prescrições e objetos simbólicos. Os sentimentos que ela despertava, medo, confiança etc., reforçavam a situação de poder da qual gozava e, mesmo se seus cuidados fracassassem, a inquietude e a angústia de seus clientes diante do desconhecido garantiam-lhe prestígio permanente. (PRIORE, 2010, p.95 - 96).

E assim elas ganham status na comunidade, sendo solidárias e misteriosas. Cada uma delas revelou algo peculiar das práticas de cura e, com isso, nos fez entender que o conjunto ritualístico que tece suas vidas enreda também aqueles que estão ao seu redor, e dá significado a vida. Chegou então a hora de apresentá-las:

Maria França da Silva, de 75 anos, moradora da zona rural: rezadeira que acredita que seu ofício não pode ser passado para outra pessoa, pois é um dom, e um dom não se transmite.

Inácia Daniel da Silva, de 48 anos, moradora da zona rural: sente a necessidade de passar seus ensinamentos para a filha, a qual se nega, deixando a mãe triste por isso. Inácia deseja ver a sabedoria da cura se perpetuando em sua família.

Maria Carmelita da Conceição, 58 anos, moradora da zona rural: percebe, através do chamado da comunidade para atendimentos, a grande importância do seu ofício, por isso já tratou de ensiná-lo às suas filhas, as quais também se negam.

Benedita Belo da Silva, 76 anos, também moradora da zona rural: de um nítido fervor religioso, entende como ninguém acerca de plantas medicinais, tendo uma para cada mal que possa acometer uma pessoa. Procura ensinar aos vizinhos para que cada um consiga realizar suas curas.

Maria do Carmo Avelino, 85 anos, veio morar na cidade quando já estava casada, permanecendo até o momento: Típica senhorinha bondosa, com inúmeras histórias para contar e grande orgulho de ser rezadeira, sabe a importância que possui para os que lhe procuram e, por isso mesmo, tenta tratar todos com o máximo de carinho possível.

Luzia de Andrade Alves, 78 anos, residente na zona urbana: A mais peculiar de todas, pois é rezadeira desde mocinha e age como se isso fosse inerente a ela, fazendo com que qualquer um que a observe tenha a sensação de que ela não faz outra coisa a

não ser rezar para curar os outros. Foi a mais visitada enquanto se davam as entrevistas.

Essas foram as rezadeiras alvo desse estudo, escolhidas devido a sua notoriedade na localidade onde moram, tendo sido apontadas por diversas pessoas como as melhores, seja por inspirar confiança, seja pelo histórico de curas que possuem.

Todas as rezadeiras entrevistadas falam em saberes tradicionais, saberes estes estritamente ligados à religiosidade, dando a entender que suas vidas são regidas e explicadas por meio disso. Com exceção de Maria França da Silva, que disse ter aprendido sozinha a arte de curar, apenas observando poucas vezes mulheres que o fazia, todas as outras afirmaram ter aprendido por meio dos ensinamentos das mães ou de outras mulheres idosas da comunidade.

Esse fato nos mostra que a prática de cura é um saber transmitido intergeracionalmente e através da oralidade, onde mães passam para filhas ou mulheres mais novas são “iniciadas” por outras de notável experiência no ofício.

Portanto, não se tratam de saberes compilados em livros ou nuvens virtuais de programas de computadores, mas antes são ensinamentos passados de maneira semelhante às antigas sacerdotisas, que esperavam o momento certo para fazerem as mais novas adentrarem no misterioso mundo da magia.

È nesse território de saberes transmitidos oralmente, cheio de subjetividade, simbologia e religiosidade que essas mulheres tornam-se agentes construtoras da sua própria história, preservando seus costumes e tradições. Apesar de tantos avanços da medicina, a população ainda recorre a estes saberes, em busca de cura para seus males, sejam eles espirituais ou físicos.

Um ponto que merece ser destacado desde já é o que diz respeito à possível invisibilidade da qual essas mulheres são alvo. A princípio, para um viajante desavisado ou um morador pouco observador, a figura das rezadeiras pouco (ou nada) se mostra presentes em Alagoa Nova, dando a entender que elas não existem em tal localidade, pois não se ouve falar delas no dia-a-dia.

Quando decidimos procurar as rezadeiras de Alagoa Nova, deparamo-nos com certo silêncio, como se elas realmente não existissem, alguns moradores diziam que

conheciam uma, ou duas, apenas. Mas, ao encontrá-las, e perguntando-lhes se são muito solicitadas, fomos atingidos por uma avalanche de nomes de pessoas que as procuram constantemente, implicando dizer que elas são bastante atuantes, e, no entanto, pouco valorizadas. Dona Luzia, por exemplo, quando perguntada acerca das pessoas que a procuram, responde: *Homem, mulher, criança, todo mundo, até o homem de acolá de cima vem, vem direto, vem de todo canto.* (Luzia de Andrade Alves. Entrevista realizada no dia 24/07/12)

Isso nos faz entender que esse modo com que tais rezadeiras são tratadas pode revelar um sentido de necessidade, por parte do público que as procura, de uma realização imediata das suas necessidades. Finalizada a reza, alcançada a cura, agradecido o feito, vai-se embora para casa como se a obrigação daquelas tivesse sido cumprida, e não mais se tem necessidade de comentar o fato.

Por outro lado, esse possível imediatismo que tende a “esconder” as rezadeiras pode ser suplantado pela crença maior de que elas realmente possuem um poder de cura e de que seus objetos e orações são indiscutivelmente eficazes. Ou seja, não falam sobre elas, mas acreditam em seu ofício.

Isso demonstra que a modernidade não deu cabo das tradições. Na fala de cada uma delas detectamos exemplos e motivos para se concluir que a possível dessacralização do mundo ainda está longe de acontecer. E é isso que nós veremos nas próximas páginas.

2.2. Rezadeiras em Alagoa Nova: Cultura e religiosidade no cotidiano.

O cotidiano de Alagoa Nova está impregnado por simbologias sagradas. Enquanto a modernização faz sua parte revestindo a (fuga)cidade com seu manto cada vez mais supérfluo, boa parte da população busca rezadeiras diariamente para se livrar dos males que atingem seus corpos e espíritos, trazendo consigo todo o conjunto de signos religiosos e míticos que perduram no tempo.

Como as entrevistadas já foram apresentadas anteriormente, seria o caso de especificar agora outros pontos que nos permitem caracterizá-las melhor. Em relação à escolaridade, Maria França nunca estudou, Inácia Daniel fez até a quarta série, Maria

Carmelita até a segunda, assim como Benedita Belo, Maria do Carmo estudou oito meses e Luzia de Andrade afirmou ter freqüentado a escola, mas foi por pouco tempo e não aprendeu muita coisa.

Neste primeiro ponto podemos concluir que se trata de mulheres com conhecimentos transmitidos oralmente, referentes aos aprendizados “da vida”, como costumam falar, sem terem tido o acesso suficiente aos ambientes escolares e, por isso, desempenharam um modo de aprendizagem diferente, em nada formal.

Desse modo, a maneira como essas mulheres olham para a sociedade é um pouco diferente, uma vez que carregam consigo os modelos de outra época, e assim suas tradições são uma linha que as liga ao seu passado, impedindo-as de abandonar os velhos hábitos. Assim fala dona Maria do Carmo a respeito de como aprendeu questões escolares e sagradas, depois de ter freqüentado oito meses na escola e saído por motivos de desentendimento com a professora:

Aí eu fui na casa desse rapaz de idade, que era professor, ele ensinava particular, aí eu fui pra lá, pra casa dele né, estudar com ele. Aí quando eu cheguei lá ele disse pra anotar a cartilha do ABC né, num tinha a cartilha do ABC? Aí eu li tudim e ele disse: a senhora veio me ensinar foi?” E eu disse: não, eu vim aprender. Só sei que pra encurtar a história eu passei 8 meses com ele estudando, aí aprendi. Eu fui, pra tirar novena, eu fiz assim, se Santo Antônio me alcançasse a graça de eu aprender tanto ler como escrever, se eu compreendesse e o povo entendesse tudo, eu ficava, é... ia rezar as trezenas de Santo Antônio, aí só sei que eu aprendi. Aí eu fui pro Juazeiro, comprei um livro de novena... Aí eu disse: se eu errar, como é que eu faço, rezando essas novenas, então ele disse, “se a senhora errar, volta pra trás e endireita o erro. A í eu tirava novena, rezei a Santo Antônio, toda novena eu rezava. Ainda hoje eu rezo, quando chega fia de Santo Antônio, antes de chegar o dia eu começo a novena, sozinha mesmo. (Maria do Carmo Avelino. Entrevista realizada no dia 24/07/12).

Assim, ao usar o saber sagrado para alcançar o saber educacional (se conseguisse aprender a ler e escrever passaria a rezar novenas), essa senhora uniu este sagrado às demais necessidades cotidianas e, depois de ter conseguido, cumpriu com sua promessa durante muito tempo, mais uma vez tecendo o fio da tradição e trazendo para seu presente todos esses ensinamentos.



Dona Maria do Carmo Avelino. Imagem do arquivo pessoal da autora.

Outro ponto interessante é que estamos trabalhando com mulheres mais velhas, tendo a mais nova 48 e a mais velha 85 anos. Esse aspecto nos circunscreve em um ambiente onde a memória é fator determinante (a memória será analisada com maiores observações no último capítulo) e nos indica com clareza o atravessar de duas épocas: uma com valores tradicionais, conservadores, e outra dominada pela fluidez, ou seja, o antes (“época delas”) e o hoje, a modernidade líquida.

Nosso itinerário com as rezadeiras começou pela conversa na sala de dona Maria França da Silva, sala esta que emanava a sabedoria antiga através das plantas no lado de fora e das imagens de santos e rosários pendurados na parede. Dona Maria França afirmou que nunca havia estudado e que aprendeu a rezar sozinha:

Nunca estudei na minha vida. Sei ler maiúscula e minúscula, mas só não sei escrever, sei ler, poquim mas sei. Ninguém me ensinou a rezar. Obra da natureza. Eu era mocinha nova, isso faz uns 70 anos, não, faz uns 55 anos mais ou menos. Uma benzedeira que tinha pra acolá aí eu via ela rezar olhado, aí o olhado eu aprendi com ela, mas outras coisas... Eu já tinha um sentimento num sabe, ela chamava Moça Bento. (Dona Maria França. Entrevista realizada no dia 19/07/12).

Quando Dona Maria França diz que o seu aprendizado foi “obra da natureza”, ela está se referindo a aspectos místicos que fogem ao entendimento da ciência, pois põe toda e qualquer explicação em vias sobrenaturais. Este é um modo de preservar a cultura e negar a imposição da ciência no dia-a-dia, já que quem domina a situação é a natureza.

As demais explicaram que aprenderam com outras pessoas, geralmente com a mãe, revelando um saber que é passado de geração em geração, perdurando no tempo:

Faz uns 20 anos que eu comecei, Carrinho (filho) tava pequenininho. Quem ensinou foi mamãe, ela já tinha aprendido, acho que foi com dona Maria de seu Cícero. (Inácia Daniel da Silva. Entrevista realizada no dia 19/07/12).

Faz 10 anos já. Quem ensinou foi dona Maria de seu Cícero. Eu tive vontade de aprender, por causa que eu levava menino lá aí ela falava assim que “você quer que eu ensine?” Eu falei: quero. Aí ela disse as palavras, eu anotei num caderno, eu fui pra casa, ela falou as rezas como é que era, aí eu trouxe pra casa e comecei a rezar. (Maria Carmelita da Conceição. Entrevista realizada no dia 22/07/12).

Eu casei com uns 24 anos, com uns 30 anos eu comecei, não, foi mais, de uns 45 pra 50, porque foi no tempo que meus menino começou crescendo, crescendo não, assim que eu tinha os menino e eles ficava doente eu ia chamar dona Maria pra rezar aqui, nesse tempo ela morava esse mundo, não, antes de eu me casar ela morava pra esse mundo de Lagoa Seca pra dentro, São Miguel, negócio assim, depois é que ela veio morar ali, aí foi quando eu comecei a ir pra ela mandar os menino rezar, aí eu comecei pedindo a ela pra ela rezar, aí eu comecei a olhar e depois “Dona Maria, diga aí as palavra pra eu copiar, porque tendo copiado aí eu sabia, aí ela dizia as palavra e eu fui copiando no caderno e pronto, aí eu num fui mais lá pra ela rezar, eu mesma que rezava. E graças a Deus continuo na vida religiosa. (Benedita Belo da Silva. Entrevista realizada no dia 22/07/12).

Nestas três falas podemos detectar pontos interessantes para nossa avaliação. Em primeiro lugar, percebe-se que essas mulheres aprenderam o ofício da reza com a mesma pessoa, Maria, a quem chamam de Maria de seu Cícero (marido), demonstrando mais uma vez o valor da transmissão oral e reafirmando a presença do encantamento do mundo, pois, após tanto tempo, elas continuam a atuar da mesma forma que aprenderam.

Rezadeira idosa que morou na localidade por muito tempo, Maria foi a responsável por transmitir seus saberes a tais mulheres. Hoje, já falecida, teve seus conhecimentos preservados por meio de suas “aprendizes”, que dão continuidade a essa tradição secular.

Da mesma forma, dona Maria do Carmo também aprendeu a rezar com outra mulher da comunidade:

Já faz muito tempo, eu não sei nem mais quanto tempo. Desde eu mocinha nova que eu vejo e já de idade foi que eu aprendi. Meu avô rezava muito, mas eu não conheci meu avô não, mas tinha uma mulherzinha que ensinava aí eu aprendi. (Maria do Carmo Avelino. Entrevista realizada no dia 24/07/12).

Aqui percebemos a referência a um homem no ofício da cura. Dona Maria aprendeu com outra mulher, mas sabia que seu avô já conservava essa crença quando ela era menina. Hoje, tantos anos depois, ela continua a praticá-la.

Não conseguimos encontrar nenhuma pessoa do sexo masculino que rezasse na cidade atualmente. Talvez isso se configure em uma possibilidade de enfraquecimento de tal crença por está se situando atualmente, em Alagoa Nova, apenas entre as mulheres, mas, por outro lado, não podemos falar que isso provoca um desencantamento, uma vez que estas mesmas mulheres cuidam para que a preservação de seus hábitos de cura seja efetivada.

Já dona Luzia, por sua vez, aprendeu a rezar com a mãe, e a justificativa utilizada foi a de que gosta de lidar com as crianças:

Eu acho que já faz tempo que eu rezo, né. Eu comecei rezar depois que minha mãe morreu. Eu aprendi a rezar com a minha mãe, que era quem ensinava aí eu peguei e comecei a rezar. Eu pedi pra ela me ensinar. Eu quis aprender porque eu gosto muito de criança, de rezar criancinha, já rezei muita criança. (Dona Luzia. Entrevista realizada no dia 24/07/12).

Dona Luzia diz gostar de crianças, por isso sentiu vontade de aprender, e sua mãe a ensinou, dando continuidade a esse elo entre passado e presente. Hoje, ela reza não apenas crianças, mas inúmeras outras pessoas. Desse modo, o que começou como uma espécie de desejo continua hoje como sendo um trabalho especializado, ao passo

que sua casa vive sendo visitada por pessoas que buscam a cura por meio das ervas e rezas.

Não encontramos nos depoimentos dessas mulheres nenhum questionamento acerca da sua capacidade de cura. Quando afirmam ter aprendido a rezar com outras pessoas, estão afirmando também que crêem nisso e que não resta dúvida de que podem curar por meio da reza.



Dona Luzia de Andrade. Imagem do arquivo pessoal da autora.

Pelo fato de fazer muito tempo que elas estão inseridas nessas práticas, podemos perceber que o aprendizado da reza não se trata de um desejo fútil e descartável, ao contrário, as rezadeiras entrevistadas fazem do seu trabalho a pedra angular para suas vidas, dando sentido ao cotidiano por meio disso.

Em relação ao significado da reza na prática de cura, observamos que as rezadeiras entendem que há uma vinculação muito forte do “mundo encantado” com suas práticas, pois cada qual afirma ser a reza uma espécie de ponte para se alcançar a cura, como se fosse realmente uma conversa com Deus, bastando ter fé.

É, bem, pra quem acredita é uma coisa séria né, agora tem gente que não acredita nessas coisas, mas tem muita gente que acredita, aí é muito importante pra quem acredita e tem fé, porque quem cura não é agente nem a reza, é a fé né. Bem, se você vem se rezar comigo, eu rezo, tá certo, eu tenho que ter fé em Deus né, aí se você também tem fé, se Deus quiser, aí você vai ficar curada. Quando eu tô rezando com fé e pedindo a Deus pra curar, com certeza vai ser curado. (Dona Inácia Daniel. Entrevista realizada no dia 19/07/12).

Poderia ser mais místico o processo de uma cura? A reza, a fé, a crença no poder de curar, tudo isso aliado a certeza da rezadeira e de quem está sendo rezado de que todo e qualquer ato realizado naquele momento influenciará no resultado final. Então, ter fé é elemento primordial para o sucesso da cura e a reza será o caminho para isso. Caminho encantado, pois que atrelado à aspectos “sobrenaturais”.

Outro ponto que merece destaque é o fato de que dona Inácia Daniel se coloca como sendo um “instrumento” de Deus para a cura. Ela afirma que quem cura é Deus, por meio da fé que a rezadeira tem, e não ela propriamente dito. Assim, ao contrário da medicina, que vê em seu conhecimento técnico e em todo o aparato que lhe circunda os verdadeiros meios e modos responsáveis por resguardar a saúde do paciente, a rezadeira coloca no plano sobrenatural a responsabilidade por isso.

A pessoa tendo fé fica curada, não tendo fé não fica. Em reza, a pessoa indo pra casa do rezador e ele pedir dinheiro, não presta não, a reza, a palavra de Deus não se vende. (Dona Maria do Carmo. Entrevista realizada no dia 24/07/12).

Novamente a fé é posta em primeiro plano, e aqui dona Maria do Carmo faz questão em demonstrar este poder, afirmando que, caso alguém cobre para curar, não estará fazendo o trabalho correto, ou seja, não estará sendo uma rezadeira de verdade, uma vez que se reza pelo fato de ter fé e entender a ação de Deus naquele momento, e por isso essa relação de cura não pode ser envolvida pelo dinheiro, que é algo mundano, capitalista e nada tem a ver com o trabalho sagrado.



Dona Inácia Daniel. Imagem do arquivo pessoal da autora.

Do mesmo modo, apesar de afirmarem que o ofício delas e o do médico se assemelham (se o médico estiver “trabalhando com Deus”) elas também separam as doenças que são passíveis de ser curadas por elas das que competem apenas aos médicos, revelando uma aura simbólica envolta às suas curas, já que atuam apenas naquelas que dizem entender, ou seja, para elas, há doenças que só os médicos podem curar, e há doenças que só elas podem curar (olhado, quebranto...).

Se for caso que vem pra eu rezar aí eu vou e digo, bom, se o menino, se a criança ou você não ficar bom, vá ao médico, indico ele ir ao médico. (Dona Maria França. Entrevista realizada no dia 19/07/12).

quando chega aqui que eu vê que não tem olhado eu digo: você vá pro médico que seu exame é outro. (Dona Maria do Carmo. Entrevista realizada em 24/07/12).

Antes do ritual de cura propriamente dito, o enfermo procura a rezadeira para obter o diagnóstico da doença que lhe está afligindo. Dependendo da disponibilidade de seu tempo e do resultado do diagnóstico, pois esta pode se tratar de uma “doença de médico” e não de rezadeira, o cliente solicita após a constatação da enfermidade o ritual de sua cura.



Dona Maria França. Imagem do arquivo pessoal da autora.

Atuando na comunidade, ela passa a representar uma espécie de líder no ambiente da cura, pois é a ela a quem as pessoas recorrem quando precisam, e isso faz com que a medicina especializada seja escanteada á priori. Por mais que esse caso se

refira à zona rural, lugar mais distante do hospital, não podemos concluir precipitadamente que a busca imediata pela rezadeira reflete a falta de escolha em relação a uma consulta médica mais especializada, pois ali mesmo existem postos de saúde e agentes comunitários que visitam as casas mensalmente, e, mesmo assim, muitos preferem fazer visitas a dona Maria França. Perguntada acerca de como vê seu trabalho na comunidade, ela responde:

Eu acho importante, né? Proque eu acho importante proque as pessoa me percura né, com aquela consideração, eu ajudo, tô ajudando. Rezo dor de dente também. Acho importante, dizem que eu faço um milagre, é! Ainda hoje me disseram isso, uma menina que tem ali, foi o filho dela, o bichinho...Aí ela diz: “ô meu Deus do céu! Dona Maria, a sua reza é santa!” Ela disse, e num é só ela não... (Dona Maria França. Entrevista realizada no dia 19/07/12).

Logo se percebe que esta rezadeira se sente orgulhosa pelo seu trabalho, e talvez boa parte desse orgulho provenha do fato de ela entender que tem um dom, o qual a impede de repassar seus conhecimentos para outras pessoas, pois, como ela mesma afirmou, não se pode transmitir um dom de uma pessoa para outra.

Hoje em dia minha fia, as pessoa num dá muito, não será todos, num dá importância a essas coisas. Eu acho importante, mas terá gente, as pessoas que num dá... Como se diz? Não considera! Eu tenho pra mim que é assim. Porque isso aí foi um dom que Deus mim deu, eu não posso tirar meu dom e dá a outro, cada cá que faça por si. Se eu ensinar a outra pessoa quebra a corrente. (Dona Maria França. Entrevista realizada no dia 19/07/12).

É assim que ela vê seu trabalho, como um dom divino que pertence única e exclusivamente a ela e o resultando são as inúmeras curas que propicia no dia-a-dia. As demais rezadeiras, de uma maneira ou de outra, revelaram uma forte carga de encantamento, explicitando o quanto seu cotidiano é pautado pelo sagrado, o qual serve como base principal para explicar a vida.

Outra fala que demonstra isso é a de dona Carmelita que, comparando seu trabalho ao do médico, diz que não vê diferença alguma, mas, ao mesmo tempo, indica este para os casos mais graves.

Não, não tem diferença nenhuma porque elas vêm rezar de olhado, agora se o menino tiver com muita febre, vomitando muito, aí tem vez que é outro problema, tem que levar pro médico, né. Agora se ela vem rezar hoje, quando é amanhã vem rezar de novo, tem que rezar 3 vezes, aí se ela vim hoje e amanhã ela tiver mais melhor, aí pronto, aí não precisa nem levar pro médico, só que se tiver com muita febre, aí tem que levar pro médico. (Maria Carmelita da Conceição. Entrevista realizada no dia 22/07/12).

O que percebemos foi o fato de as doenças curadas por elas serem geralmente enquadradas no âmbito do misticismo, ou seja, doenças que não têm respaldo científico para sua existência, ou pelo menos não do modo como elas acreditam. É o caso da gama de doenças que as rezadeiras citaram e que são as mais combatidas por elas:

O que eu vou rezar? Dor de cabeça, mau olhado, enfermidade, animais, dor de intrusidade, neivo triado, os olhos... (Dona Maria França. Entrevista realizada no dia 19/07/12).

No ambiente místico das rezadeiras, as doenças com nomes científicos e sintomas definidos por uma série de pesquisas rigorosas ganham nova versão. Assim, por mais que freqüentem postos de saúde e hospitais e ouçam explicações científicas acerca das doenças, não deixam de acreditar na fonte sobrenatural destas.

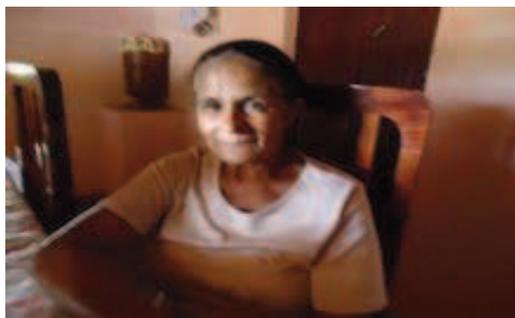
O “olhado”, mal bastante conhecido pelas rezadeiras, consiste em uma enfermidade muito antiga e que é revestido por símbolos sobrenaturais. Suas causas e sintomas possuem, para as rezadeiras e as pessoas que as procuram, uma aura simbólica entornada de crenças populares.

Rezo olhado. Se tiver com olhado, tudo bem, se não tiver eu mando ir pro médico. Eu sei quando tá com olhado porque às vezes, a gente, na hora que ta rezando, se atrapalha na reza e o raminho murcha, e tem deles que fica com olhado forte, porque murcha, murcha mesmo. Eu faço a reza com raminhos assim, aí é com mastruz, manjerição, aquele mato que chama vassourinha. (Dona Inácia Daniel. Entrevista realizada em 19/07/12).

Acreditando piamente que o ramo utilizado na reza murcha devido ao mal contido no “olhado”, o qual é retirado através desse “objeto mágico”, dona Inácia, em nenhum momento, leva em consideração o fato de que qualquer planta perde suas forças, murchando aos poucos, depois que é retirada da terra. Ao contrário, a crença nesse mal é tão forte que nenhuma delas questiona isso e ainda nos oferece explicações para seu entendimento:

Só pra rezar olhado, eu rezo 3 vezes aí pronto. Eu rezo olhado, com disenteria, vomitando e tem vez que o menino tá nascendo dente, aí eu dou o chá e... aí se der febre, aí leva pro médico, porque menino com febre o negócio é outro, né? Porque tem gente que bota olhado, é olhado e quebranto, o quebranto é aquele que o menino ta com disenteria e muito. (Dona Maria Carmelita. Entrevista realizada no dia 22/07/12).

Diferenciando o olhado do quebranto, dona Maria Carmelita nos joga em um mar de simbologias. A dialética utilizada para a cura desses dois males gira em torno de outras crenças: a reza repetida por três vezes, o mal que é colocado em alguém por determinada pessoa, os sintomas resultantes disso, os quais podem ser “reais” (febre, disenteria) ou “imaginários” (o bocejar durante a reza).



Dona Maria Carmelita. Imagem do arquivo pessoal da autora.

E a cada fala delas, mais imersos em encantamentos nós ficamos:

Às vezes é olhado que o povo bota, quando começa... Uma pessoa vê outra e diz: “ó fulano como é bonito!”, e não diz “Deus te abençoe”. Quando ta com olhado, na Ave Maria é mulher que bota e quando é no pai nosso é os home, agente abre a boca, só falta cair (risos), agente abre a boca e aquela pessoa também. (Dona Benedita Belo. Entrevista realizada no dia 22/07/12).

O fato de a própria rezadeira bocejar durante o processo de cura do olhado indica ainda mais o quanto ela participa efetivamente da cura, sendo uma espécie de instrumento, como foi falado anteriormente, pois entende-se que os males passam por ela e vão embora.

Neste caso, é importante lembrar-se de quando dona Luzia Andrade estava a rezar uma mulher e percebeu que a porta se encontrava fechada, rapidamente ela tratou de abrir e, com gestos rápidos, simbolizava a expulsão da energia ruim que estivesse sendo acumulada dentro de sua casa, como se fosse “jogar o mal para fora”. Continuando com os males, dona Maria do Carmo revela um de nome bem peculiar: “sol na cabeça”:

Só sei rezar de triadura, de olhado, essas coisas assim, de sol na cabeça. É quando a pessoa sente dor na cabeça, é o sol e o sereno. (Dona Maria do Carmo. Entrevista realizada em 24/07/12).

E a lista continua...

Vem pra eu curar inchação da perna, o vermelhão, vermelhão da perna, né, pra eu rezar, rezar braço, tudo, olhado, braço, tudo, espinhela caída, peito aberto, cabelo. (dona Luzia de Andrade. Entrevista realizada no dia 24/07/12).

Dona Benedita Belo atira ainda mais nossa imaginação ao citar casos que conhece acerca do quebranto e olhado:

Quebranto... A menina disse que o menino dela morreu, o menino ficou esmorecido... Ela disse que ele passou a tarde, ela morava ali de Lagoa Seca pra dentro, aí ela disse que tava fazendo crochê e o menino brincando ao redor dela, aí chegou uma mulher e começou a olhar pro menino, botou olhado no menino e quando a mulher saiu disse que ele ficou todo esmorecido, sem comer, e aja ela dando xarope e sem melhorar, quando foi com uns 2 dias ou 3 disse que o menino morreu. Assim ela me disse... que o menino morreu... quebranto, ela disse, porque é forte viu. (Dona Benedita Belo. Entrevista realizada em 22/07/12).

Percebemos então que todas elas são bem familiarizadas com o “olhado”, e a lista de doenças passíveis de cura pelas rezadeiras é bastante substancial. São elas verdadeiras médicas populares usando o sagrado como remédio. E o que dizer de todo esse encantamento que as circunda?



Dona Benedita Belo. Imagem do arquivo pessoal da autora.

Analisando estes aspectos, chegamos à conclusão de que as doenças tratadas pelas rezadeiras, em sua maioria, são de outra natureza, ou seja, circulam em um âmbito diferente daquelas tratadas pela medicina.

CAPÍTULO III

3. A SIMBOLOGIA DO SAGRADO: ENTRE A FÉ E A “LÓGICA” MODERNA

A noção de ritual, na Antropologia, foi desenvolvida, em termos mais específicos, por Victor Turner (1974), cuja obra se associa, também, aos estudos do simbolismo em geral. O seu entendimento sobre isso parte do princípio de que é o uso da estrutura social que incorpora as contradições, os conflitos, o tempo e os indivíduos.

Para este autor, a sociedade não é, assim como pensava Durkheim, uma série de dualismos tais como sagrado e profano, sociedade e indivíduo etc., mas um processo dialético, no qual essas noções são continuamente elaboradas por um contraste. O rito não é pensado exclusivamente no seu momento de clímax, mas também há o estudo dos momentos anteriores e posteriores ao próprio ritual.

Nas ciências sociais, em geral, acredito, está-se difundindo o reconhecimento de que as crenças e práticas religiosas são algo mais que "grotescas" reflexões ou expressões de relacionamentos econômicos, políticos e sociais. Antes, estão chegando a ser consideradas como decisivos indícios para a compreensão do pensamento e do sentimento das pessoas sobre aquelas relações, e sobre os ambientes naturais e sociais em que operam. (TURNER, 1974, p.19).

Assim, para este autor tudo é constituído de passagens e deslocamentos, sendo a fase anterior cancelada pela posterior e sendo ambas resolvidas por uma síntese, ou terceira fase, em que o mundo volta ao seu estado normal. O corpo, aqui, é muito importante na medida em que nele repousarão as diferenças entre o que vem antes, durante e depois do ritual.

Na mentalidade (pós)moderna a fé e a espiritualidade cristã passam a ser subjetivas, autônomas e emocionais. Subjetiva porque não mais obedece a princípios bíblicos, tornando-se assim uma fé e uma espiritualidade sem referencial institucional e sem um padrão orientador. Autônoma porque cada indivíduo passa a elaborar a sua agenda de fé e conduta sem a interferência de padrões e de princípios pré-estabelecidos. Emocional porque a emoção passa a ser o instrumento de legitimação e de autenticação da fé.

A fé das rezadeiras e o seu ritual de cura, portanto, não são vistos sob a perspectiva do dogma injustificado ou da fé que não suporta o raciocínio e a evidência, mas sob a ótica da própria religiosidade em si, íntima ao homem, mas vivida de forma coletiva, social.

A crença dessas mulheres e seus respectivos símbolos sagrados, portanto, permanecem além dos abusos dos religiosos. Força vigorosa no íntimo das pessoas, veículo da fé, a arte de curar torna-se um dos agentes estruturadores da personalidade de cada uma delas e de quem as procura. Ponte de união entre o corpo, a saúde e o espírito, trata-se de um sentido íntimo que insere a pessoa no universo à sua volta de forma a preservar sua integridade e harmonia interiores.

Além disso, sua crença também permite uma reflexão ética sobre sua prática, não apenas racional, mas sensível à condição humana e, por que não, às aspirações de um mundo mais justo.

Adentrando no universo simbólico das rezadeiras, observaremos agora como suas crenças ganham corpo em Alagoa Nova, convivendo com os inúmeros símbolos da modernidade, mas persistindo em suas tradições. Analisaremos, então, os símbolos utilizados pelas rezadeiras, assim como suas memórias, para compreendermos todo o processo.

Em primeiro lugar, falemos da memória, esse terreno de areia movediça onde, ora sentimos prazer em afundar, ora temos verdadeira ojeriza de sua companhia. Após isso, caminharemos pelos mais emblemáticos símbolos das rezadeiras: seu ramo, seus gestos e suas palavras...

Por outro lado, cada um desses símbolos representa o elo entre a tradição e a modernidade, trazendo para o presente o conjunto de valores e experiências existentes em tempos antigos e tornando concreta a operação de cura, uma vez que todos esses símbolos possuem funções específicas.

O ritual de cura é em todo metafórico e liga o mundo conhecido dos fenômenos sensoriais perceptíveis com o reino “desconhecido e invisível” de Deus, tornando inteligível o que é misterioso por meio da cura, e mesmo que esta não ocorra como desejável, há sempre uma resposta: ou a doença não era a esperada, ou o “paciente” não teve fé.

Esbarrando com a “lógica” moderna, que descaracteriza esses símbolos como sendo puras superstições, a fé dá a volta por cima e acirra a disputa ao firmar lugar de destaque na mentalidade dos que compartilham com essa crença. Sua grande importância nesse jogo simbólico acaba por atribuir caráter de veracidade às funções que o ramo, os gestos e as palavras se dispõem a desempenhar.

3.1. A dramatização do cotidiano: Adentrando no universo simbólico

O cotidiano das rezadeiras é um verdadeiro teatro de emoções que segue fabricando gestos de adoração. As senhoras que estudamos aqui, por mais que estejam inseridas no ambiente sufocante da modernidade, fazendo parte da dinâmica do mundo, recriam seu próprio cotidiano e, conseqüentemente, todo o processo histórico, por meio de seu universo simbólico.

Mas é durante a prática de cura que elas nos revelam com mais nitidez como promovem esse círculo entre o sagrado e o profano. Os símbolos que utilizam demonstram toda a mística que envolve seu ofício, e torna-as ainda mais interessantes ao olhar do historiador, que compartilha com os outros participantes os símbolos totalmente emaranhados em movimentos coreógrafos de extrema paixão.

ELIADE (1992) explica que é importante compreender e tornar compreensível a modalidade do sagrado que é revelado por meio da hierofania, termo utilizado por ele para designar a manifestação do sagrado em um objeto ou fenômeno:

[...] Um símbolo ou um mito tornam evidentemente transparentes as modalidades que um rito não pode manifestar, mas tão-só implicar. A diferença entre o nível de um símbolo, por exemplo, e o de um rito, é de tal natureza que jamais o rito poderá revelar tudo o que o símbolo revela[...]. (ELIADE, 1992, p.35).

Assim, as rezadeiras exteriorizam o significado de suas práticas de cura por meio de seus ritos. O modo como dona Luzia de Andrade reza é singular e nos diz muito do seu entendimento do mundo. Em uma das entrevistas a sua casa foi visitada

por cerca de quatro mulheres que a procuravam para curar seus males. A forma como a reza se deu será descrita abaixo:

Sentada no sofá, a mulher representava verdadeira paciente, com a diferença de que precisou citar apenas um ou dois sintomas, os quais eram dores no corpo e forte cansaço. Dona Luzia afirmou imediatamente que se tratava de olhado e correu em busca do seu ramo.



Dona Luzia de Andrade. Imagem do arquivo pessoal da autora.

Ao voltar, entrou em verdadeiro estado de transe e começou a sussurrar palavras que pareciam orações misturadas a súplicas, e ao mesmo tempo esfregava o ramo nas extremidades do corpo da mulher, fazendo gestos que entendemos ser expulsões, pois ela passava o ramo ao longo do braço até chegar à mão, quando então fazia um gesto mais brusco com o ramo como se estivesse retirando algo do corpo por meio deste e, depois, jogando fora.

E assim fez por cerca de 8 minutos quando, em um determinado momento, percebeu a porta fechada e abriu-a, usando o ramo novamente para “expulsar o mal da casa”, simbolizando uma espécie de purificação, pois fazia sinais de que estava a jogar para longe algo que possivelmente se acumulava naquele ambiente.

Ana, uma mulher que trabalha em sua casa, pois que Luzia já é de idade e não consegue fazer trabalhos que exijam maiores esforços, nos confessou que, muitas vezes, dona Luzia reza a si mesma quando, depois de um dia de muitas curas, se sente “pesada”, como se a energia negativa exalada pelas pessoas curadas passasse para ela.

Durante o processo de cura também pudemos perceber dona Luzia bocejando o tempo todo, justificando seu diagnóstico de que seria olhado, já que nos tinha avisado anteriormente que, quando se trata de olhado, a rezadeira boceja muito enquanto reza.

Temos em mãos, então, após a observação de uma prática de cura, os símbolos que regem o processo e lhe dão sentido: a memória com a qual a rezadeira baliza seu ofício, o ramo e suas palavras rezadas.

Com base nisso, os símbolos utilizados pelas rezadeiras são de extrema importância para que nós entendamos toda a dialética existente nesse espaço, o qual transforma objetos profanos (para os que não compartilham de suas crenças) em objetos que reservam em si a manifestação do sagrado.

3.2. A memória, o ramo e a palavra

Falamos, desde o início deste trabalho, das ações cotidianas das rezadeiras e seu *modus operandi*, para assim problematizarmos a noção de desencantamento do mundo. Até o momento foi possível entender que, diante de tanta crença, misticismo, curas por meio de rezas e observações “sobrenaturais” acerca dos acontecimentos cotidianos, Alagoa Nova está permeada de simbologias místicas.

As recordações conservadas nas tradições das rezadeiras são de extrema importância para se compreender o modo como as práticas cotidianas se organizam histórico e socialmente. Sempre que cada uma delas parava um instante para pensar, em seguida vinha uma torrente de lembranças que se transformavam em relatos de fatos acontecidos, realizados por elas, dando vida à “memória-hábito” e às lembranças de que trata Ecléa Bosi (1994):

O passado conserva-se e, além de conservar-se, atua no presente, mas não de forma homogênea. De um lado, o corpo guarda esquemas de comportamento de que se vale muitas vezes automaticamente na sua ação sobre as coisas: trata-se da *memória-hábito*, memória dos mecanismos motores. De outro lado, ocorrem lembranças independentes de quaisquer hábitos: lembranças isoladas, singulares, que constituíram autênticas ressurreições do passado. (BOSI, 1994, p. 48).

Nossas rezadeiras, através da memória-hábito, permitem que suas práticas não sejam esquecidas, uma vez que já fazem parte de seu cotidiano e, uma vez adquiridas, dificilmente deixarão de exercê-las, e no caso de deixarem, cuidarão para que o ofício seja passado para outra pessoa, que guardará a lembrança dos ensinamentos e criará a memória-hábito, por sua vez. Assim elas dão continuidade ao saber, e perguntadas se pretendem ensinar o ofício:

Sim, quem quiser aprender eu ensino, até Neide, a minha menina, já disse que quer aprender, e quem quiser assim, se interessar pra aprender... Eu ensinei pra umas mulheres, mas não aprenderam ainda não, mas é facim, facim. (Dona Inácia Daniel. Entrevista realizada em 19/07/12).

Pretendo, eu já ensinei as meninas, mas elas não querem. Porque um dia, quando eu morrer, elas já sabem rezar direitinho, reza até os filhos dela mesmo. (Dona Maria Carmelita. Entrevista realizada em 22/07/12).

Se a pessoa se interessar de aprender sim, eu aprendi o ofício de novinha trabalhando no roçado, mas uma moça e ela me ensinando e eu aprendi, e eu fui criada na casa desse beato (aponta para uma foto na parede onde há um homem próximo a uma imagem de Jesus na cruz), rezava, toda noite ele rezava aí eu aprendi também. O nome dele era José Lourenço, morava no Ceará, Juazeiro. (Dona Maria do Carmo. Entrevista realizada em 24/07/12).

Trata-se de uma tática de sobrevivência. O que está em jogo é, também, a memória desse grupo e, conseqüentemente, sua preservação, isto é, a preservação de uma prática que vigora por muito tempo e possui importante significado para estas mulheres, tendo em vista que a boa saúde, assim como a fé, é considerada fundamental para a vida.

Integrados em nossa geração, vivendo experiências que enriquecem a idade madura, dia virá em que as pessoas como nós irão se ausentando até que poucas, bem poucas, ficarão para testemunhar nosso estilo de vida e pensamento. Os jovens nos olharão com estranheza, curiosidade; nossos valores mais caros lhes parecerão dissonantes e eles encontrarão em nós aquele olhar desgarrado com que, às vezes, os velhos olham sem ver, buscando amparo em coisas distantes. (BOSI, 1994, p. 75).

Talvez já seja assim que nossas rezadeiras se sintam. Dissonantes desses tempos modernos, com tantos aparelhos a se conhecerem, mas, por outro lado, continuam usando suas memórias para se sentirem incluídas nisso tudo, e de certa forma o são, pois vivem e convivem na comunidade exercendo suas funções de rezadeiras, ou seja, sua memória-hábito continua a ser útil.

Digamos que a maior importância da memória para as rezadeiras e para nosso estudo consiste na perspectiva pela qual BOSI (1994) nos define sua função logo abaixo:

Quanto mais a memória revive o trabalho que fez com paixão, tanto mais se empenha o memorialista em transmitir ao confidente os segredos do ofício[...]. (BOSI, 1994, p.480).

A prática de cura é de imensa importância para todos, independente de como ela venha, mas para as rezadeiras seu significado é mais peculiar. Na ciência, a cura só pode ser aprendida por meio de técnicas científicas estudadas por um período de tempo significativo e de maneira muito técnica, já para as rezadeiras, o procedimento é, obviamente, diferente. Elas não se especializam na saúde tal qual o médico, mas se especializam ao seu modo, conhecendo de ervas e de rezas que curam.

Assim, o prazer do aprendizado vem pela memória e ganha vida e significado, fazendo com que a tradição seja utilizada no cotidiano como um ensinamento a ser continuamente preservado e como uma prática útil socialmente:

Aquilo que se viu e se conheceu bem, aquilo que custou anos de aprendizado e que, afinal, sustentou sua existência, passa (ou deveria passar) a outra geração como um valor. As idéias de memória e conselho são afins: *meminie moneo*, “eu me lembro” e “eu advirto”, são verbos parentes próximos. (BOSI, 1994, p. 481).

Guardiãs da memória, cada uma dessas rezadeiras tem em seu ofício grandes semelhanças com o trabalho desempenhado pelos magos e xamãs nas sociedades

indígenas e negras primitivas, que também desempenhavam práticas de curas e benzeções utilizadas no ceio de suas comunidades.

Os princípios seguidos pelas rezadeiras de Alagoa Nova são basicamente os mesmos: utilizar a fé como ponte para alcançar o sobrenatural e pedir cura aos corpos e espíritos daqueles que as procuram. Assim, na sociedade moderna atual, o papel da rezadeira e dos antigos praticantes de cura se entrecruzam, tendo como rastro a memória.

Assim como no passado a tradição é utilizada como uma regra no presente, ou seja, ela se distingue do presente, mas, ao mesmo tempo, o compõe, e é essa dialética que impede o desaparecimento dos ícones culturais das rezadeiras. Apagar essa tradição é apagar a memória, e apagar a memória é um meio de se apagar o passado, e isso se torna impossível, mesmo aqui no mundo moderno, onde as coisas e os sentidos são fluídos, pois essas senhoras resistem como nunca, e seguem curando.

A importância assim, porque agora, antigamente o povo dava muita crença, mas agora, hoje em dia não dão quase mais crença nessas coisas, né? É um trabalho importante, eu acho que a pessoa que tem fé em Deus e aprende aquelas palavras tem que explicar pra outra pessoa. (Dona Maria do Carmo. Entrevista realizada no dia 24/07/12).

É assim que as rezadeiras de Alagoa Nova dão continuidade ao seu ofício, ensinando aos outros, preservando suas memórias, uma vez que acreditam ser de extrema importância para o bem-estar social.

Combinando magia com as práticas místicas do catolicismo e da medicina popular, estas mulheres realizam suas curas tentando restabelecer o equilíbrio espiritual das pessoas que procuram por sua ajuda. Para isto, elas também empregam ramos verdes, palavras e gestos, acreditando no poder de expurgação do mal destes vegetais, fórmulas empregadas que não se distanciam muito das utilizadas pelos primeiros benzedores africanos e indígenas do período Colonial brasileiro.

Analisaremos agora uma questão bastante singular e que, de uma forma ou de outra, norteia todos os aspectos que envolvem a noção de cura e seus respectivos meios.

Estamos falando do papel do **ramo** que as rezadeiras utilizam nesse processo, ou seja, que lugar ele ocupa na medicina popular.

Nos rituais de cura das rezadeiras de Alagoa Nova, há a utilização de ramos para fazer os benzimentos que são gesticulados em forma de cruz diante da pessoa enferma ou próximo do local onde possivelmente se encontra a doença.

O quintal era o território prestigiado da cultura feminina, e atualmente, no quintal das casas dessas mulheres, tanto na zona rural quanto na zona urbana, encontramos cultivadas algumas espécies de ervas que utilizam para receitar seus remédios caseiros (chás e lambedores) e para realizar suas práticas mágicas de curas.

Para compreendermos mais à fundo a questão da natureza para as rezadeiras, representada aqui pelo ramo, é importante que tenhamos em mente a discussão que Mircea Eliade (1992) faz sobre o papel da natureza nos rituais das mais diversas expressões de religiosidade, ao estudar suas simbologias.

Admite-se, normalmente, que a agricultura tenha sido uma descoberta feminina. Ocupado em perseguir a caça ou em apascentar o gado, o homem estava sempre ausente. Pelo contrário, a mulher, ajudada pelo seu espírito de observação, limitado mas penetrante, tinha a ocasião de observar melhor os fenômenos naturais de sementeira e de germinação e de tentar reproduzi-los artificialmente. Por outro lado, pelo fato de que era solidária com outros centros de fecundidade cósmica – a Terra, a Lua – a mulher adquiria prestígio de poder influir na fertilidade e de poder distribuí-la. É assim que se explica o papel preponderante desempenhado pela mulher nos começos da agricultura – sobretudo no tempo em que esta técnica era apanágio das mulheres – papel que continua a desempenhar em certas civilizações. [...] (ELIADE, 1992, p.325 - 326).

É interessante notar que todas as rezadeiras alvo de nossas entrevistas são ou foram agricultoras, sabendo como lidar com a terra perfeitamente e, conseqüentemente, com as ervas. Para dona Benedita Belo, remédio mesmo é remédio “do mato”:

Mas tem remédio, tem remédio bom. Quando dá o vermelhão, quando a pessoa ta com a pereba que dá aquele vermelhão, fica tudo vermelho, aí tem a reza e tem o espinho de judeu, tu sabe o que é espinho de judeu, num sabe? Apois só é tirar aquela casca, botar pra

cozinhar, aí se quiser botar daquele maracujá mochila, não tem aquele maracujá que nasce no mato? Que bota aquele maracujazinho, aí faz um cozimento e quando é de noite, quando vai se deitar, banha a perna com ele morno, quente não, só quebrado a frieza, aí lava. Oxente, eu tinha na minha cabeça, ta certo, eu fiquei boa, aí comi coisa carregada, eu já conheço que ele fica queimando visse, aí quando botei o espinho de judeu foi passando, aí melhorou. Tinha uma mulher que morava ali, ela aprendeu, pegou o espinho de judeu, fazia 9 cozimentos pra pessoa lavar aquela perna, o braço, o lugar que tivesse, aí que acaba com ele, e se não quiser beber daquela água faz um chazinho. (Dona Benedita Belo. Entrevista realizada em 22/07/12).

Servindo para curar os males, a simbologia maior do processo se exterioriza no ramo, como se este fosse o ator principal na cadeia vegetal, e isso devido a sua forte ligação com o sagrado, pois que, enquanto as demais ervas estão desempenhando atribuições mais científicas, é o ramo quem trata de elaborar a cadeia simbólica por meio da idéia de que absorve os males ao ser passado ou tocado no corpo de outrem.

Em sua casa ou ao entorno dela explodem em vida quase que sobrenatural o crescimento de suas ervas, cultivadas sob olhar atento e seguindo regras ditadas pelos ciclos da natureza. Cada planta tem seu papel na promoção e efetivação do ritual de cura, assim como os demais objetos utilizados no processo.

Lembramos imediatamente de dona Luzia de Andrade e o seu gosto por curar crianças quando analisamos o papel da árvore no universo do sagrado:

A árvore é também protetora dos recém-nascidos, facilita o nascimento e vela pela vida dos pequeninos exactamente como faz a Terra. [...] A árvore, de resto, não é senão uma fórmula da realidade e da vida inesgotável que também a Terra representa. Na base de todas as crenças que se relacionam com a descendência telúrica ou vegetal e com a proteção que a Terra ou a árvore dispensam aos recém-nascidos encontra-se uma experiência e uma <<teoria>> de realidade última, fonte de vida, matriz de todas as formas. A Terra ou a vegetação que dela surge manifesta-se como *aquela que existe*, que existe de forma viva, prolifera incessantemente por uma palingenesia contínua. O facto de se tocar ou de se aproximar das árvores, como o facto de se tocar na terra, é benéfico, fortificante, fertilizante. [...]. (ELIADE, 1992, p. 383).

A simbologia explode nesse momento. As rezadeiras de Alagoa Nova, imersas na modernidade, fazem-nos acreditar ainda mais no reencantamento do mundo, com a utilização de seus símbolos e significados de cura. Foi dito que todas elas usam o ramo durante o processo para trazer de volta a saúde alheia, mas o modo como dona Luzia rezou sua “cliente” foi o que mais se aproximou desse espetáculo do sagrado.

A forma como ela utilizou o ramo na mulher demonstrou sua crença de que aquele pequeno membro da árvore tem o poder de curar por meio do toque, e a mulher, por sua vez, parecia entender da mesma forma, estando as duas em perfeita sintonia. Esse símbolo, então, representa um elo místico repleto de simbologias que remetem a mitos antigos.



Dona Luzia de Andrade usando seu ramo para a cura. Imagem do arquivo pessoal da autora.

O tecnicismo ao qual foi reduzida a medicina ocidental nos últimos tempos, com a separação entre arte e a ciência, nos fazem pensar no quanto a relação do homem com a natureza mudou e interferiu no saber criando duas posições bastante definidas nesse âmbito, onde de um lado temos a medicina popular e do outro a medicina clínica, científica, estritamente técnica.

Na medicina popular a natureza tem o papel principal, e o ser humano apenas utiliza seus inúmeros meios para obter uma resposta positiva. Observemos, então, que há uma noção de respeito muito forte entre ambos, indivíduo e natureza, onde o primeiro, por uma questão até de tradição, se submete e se subjugua ao poder do segundo.

Em relação à medicina científica há exatamente o inverso. A natureza passa para um segundo plano, sendo vista apenas objeto de pesquisa, onde o poder real se encontra nas mãos do cientista médico que, ao invés de apenas conhecer os segredos da natureza e utilizá-los, passa a subjugar-la, experimentando de todas as suas possibilidades e dando novas roupagens a estas, chegando ao ponto de “anular” o papel da natureza no seu processo de conhecimento, já que no discurso oferece-se a coroa de louros às práticas laboratoriais e teses científicas universitárias, e não ao ponto de partida desse caminho, a natureza.

Por fim, adentramos na simbologia das **palavras** usadas pelas rezadeiras, tanto o modo como elas pronunciam quanto o significado destas. Nesse sentido existe um elo mítico poderoso que se junta à voz sussurrada das rezadeiras. A cadeia simbólica e imagética presente na fala invade o ambiente.

Nessa ritualização repleta de simbolismo a reza não seria a mesma sem o encanto da voz feminina que dá vida à prática de cura e, ao mesmo tempo, elas mesmas afirmaram não haver nenhum tipo de segredo vindo de seus sussurros, demonstrando que o rezar baixinho se dá apenas por uma questão de costume, de aprendizado, e não por motivos secretos:

Não, porque tem vezes que agente reza alto e tem gente conversando aí atrapalha, e agente rezando baixinho tá concentrada só naquela reza. Eu tenho quer dizer minhas palavras, rezar, dizer as palavras e depois reza, diz as palavras e depois reza 9 ave Maria e 9 pai nosso. (Dona Maria Carmelita. Entrevista realizada no dia 22/07/12).

Assim, o motivo pelo qual elas rezam baixinho pode ser explicado por vários motivos. Dona Carmelita reza baixo, mas quando tem pessoas por perto que podem atrapalhar sua concentração ela se permite aumentar a voz. Dona Maria do Carmo vai mais além, também reza baixinho, mas procura equalizar o tom de forma a se fazer entender:

Eu ainda essa semana rezei uma mulher, que ela hoje vem de novo, de 2h ela vem, porque eu rezo, eu rezo explicando as palavras diretinho como é, aí ela disse assim: “eu já fui na casa de uma rezadeira e saí

sem destino, porque ela não disse nada pra eu ouvir, não deu pra entender”. Mas eu explico direitinho, eu rezo explicado, eu digo pras pessoas ouvir, num é... (Dona Maria do Carmo. Entrevista realizada no dia 24/07/12).

Percebemos, então, que, aparentemente, elas não se dão conta da magia que promovem no ambiente ao rezar baixinho, pois a fala das duas acima reflete uma naturalidade desenvolvida pela memória-hábito, já que estão acostumadas com aquilo. Mas, sendo questionadas mais a fundo, elas acabam por assumir seu entendimento daquilo que ocorre, e confirmam a dramatização realizada na hora da cura:

Não, não, não pode ter segredo né, tá errado. Porque se você diz assim, segredo praquela pessoa, como assim? Eu rezo é alto pra todo mundo ouvir. Bom, depende, depende, eu mesmo sei uma oração muito forte mas... eu posso rezar na vista de homem, alto, é uma reza que tenho que ensinar a homem, mas a mulher não pode, quebra as força, porque tem duas... eu vou dizer, porque tem umas palavras que diz assim: “quem ouvir esta reza e não aprender, dia de juízo vai se arrepender”. E essa reza que eu sei, essa oração, a pessoa reza ela um ano continuado, faltando 3 dias pra morrer a pessoa vê Nossa Senhora aqui. Eu chega me arrupio... (Dona Maria França. Entrevista realizada no dia 19/07/12).

Dona Maria França começa afirmando timidamente que não há segredo na prática de cura, mas logo lembra-se de uma tal reza que, segundo ela, serve para “doenças mais fortes” (se refere á doenças psicológicas) e que há um poder muito grande que envolve tal oração, a ponto de não poder ser ensinado para mulheres, fator que ela não soube explicar.

Tudo isso faz parte do conjunto de simbologias que adentra as casas das rezadeiras, não só quando elas estão a praticar a cura, mas também na própria conversa que se dá acerca desta, e nas entrevistas isso ficou muito claro, pois, ao conversar, cada uma trazia, de algum modo, um mundo de encantamentos envoltos à arte de curar, como se estivessem a todo o momento tratando de coisas para além da nossa capacidade interpretativa.

Além disso, os seus “pacientes” tomam esses aspectos como mais um símbolo da eficiência da reza, e todos que estão ao seu redor observam imediatamente aquilo que está posto em frente aos seus olhos por meio da teatralização das rezadeiras.

A importância das palavras é mais uma vez explicitada por dona Benedita Belo, que transpõe para o sobrenatural a eficácia da reza:

Olhe, quando a gente vai rezar a gente se benze né? Aí vai e diz: “louvado seja nosso senhor Jesus Cristo”, quer dizer, já tá dizendo a palavra, a palavra de Deus, aí a pessoa responde: “louvado seja nosso senhor Jesus Cristo, para sempre seja louvado”. Aí reza, diz o nome da pessoa “como Deus te gerou, com Deus te criou, te livrai de olhado e quebranto e de todos os males”, aí é tudo com a palavra de Deus. É a palavra forte né, porque eu vou dizer, porque num vê dizer que aonde... Se for a um canto e 3 pessoas tiverem falando a palavra de Deus ele tá no meio. (Dona Benedita Belo. Entrevista realizada em 27/07/12).

Assim, as práticas de cura realizadas por essas rezadeiras são desenvolvidas por meio de técnicas bastante singulares e conhecimentos específicos de ervas ou outros objetos e orações, aspectos que geralmente são transmitidos de geração em geração. Nesses procedimentos da medicina popular, entende-se que corpo e espírito são inseparáveis e que não há contradição entre simpatias, rezas e remédios, uma vez que o curador e o paciente fazem o tratamento de acordo com as causas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos então que há espaços onde a ciência e o tecnicismo não penetram totalmente, nem muito menos desempenham papel significativo, e o passado continua a servir de referência e dá sentido à vida, mesmo hoje, nesse tempo de incertezas e quebra do concreto transformado em líquido, o que alguns teóricos convêm chamarem de modernidade. Um desses espaços que materializa-se à nossa frente e teimamos em não enxergá-lo é o enigmático e atraente campo das práticas de cura.

As práticas de cura fazem parte da cultura popular e, mesmo com a medicina avançada, há diversas pessoas que procuram esses meios naturais para resolver alguma

espécie de moléstia ou problemas afins, seja por meio de chás, de reza com água benta, da “benza” para dor de cabeça, simpatias, dentre outros meios.

Existe em seu âmago uma gama de simbologias e signos que nos revela a grande mistura, por assim dizer, de elementos que nos parecem assimétricos, e, no entanto vivem em perfeita harmonia quando utilizados na prática, e assim permanecendo dotados de sentido.

Nesse sentido, as práticas sociais e a experiência vivida no cotidiano, através das resistências, propiciaram a sobrevivência dessa prática cultural no cotidiano de Alagoa Nova. Tal processo, através das práticas de cura, dos saberes, seus ritos, símbolos, crenças, espaços de sociabilidade e diversas outras manifestações culturais, lhe deram significância e foram tecendo os fios de sua historicidade na contextura social.

Desse modo, resta-nos lutar para garantir que atividades como estas não se pulverizem no tempo e no espaço e, de certa forma, este trabalho se apresenta como uma das possíveis ferramentas de luta para tal preservação cultural, tentando demonstrar, por meio de pesquisas e entrevistas, o conjunto de valores que esses rituais apresentam, valores sagrados que retomam os ciclos da natureza para a conquista da saúde e da felicidade, rituais que fazem parte de um imaginário popular desde tempos imemoriais, se revestindo de mistérios, símbolos sagrados, rezas, rosários, sal, água benta, cordão e nomes de santos, todo um conjunto de símbolos e signos que envolvem o solo sagrado da casa das rezadeiras.

Essa transmissão cultural e religiosa tem raízes alicerçadas dentro da própria comunidade, e a História trata de “organizá-la” prendendo-a em seus discursos e contribuindo para sua afirmação perante a sociedade, mas nunca determinando seus valores, por mais que tente muitas vezes, pois elas vivem sob a égide de uma dinâmica própria, que escapa a um conhecimento que tente enquadrá-las em outros moldes que não o do sagrado. Assim, como diria ELIADE (1992):

Mas, se a história é capaz de promover ou neutralizar novas experiências religiosas, não consegue nunca abolir definitivamente a necessidade de uma experiência religiosa. Mais ainda: a dialética das hierofanias permite a *redescoberta* espontânea e integral de todos os

valores religiosos, quaisquer que eles sejam e qualquer que seja o nível histórico em que possam encontrar-se a sociedade ou o indivíduo que realiza esta descoberta. A história das religiões vê-se, assim, em última análise, ao drama provocado pela perda e pela redescoberta destes valores, perda e redescoberta que não são nunca, que *não podem nunca ser*, definitivas. (ELIADE, 1992, p. 572).

Portanto, a reza para curar é uma das práticas mais expressivas da religiosidade popular em Alagoa Nova. É um saber de práticas rituais levado adiante por essas mulheres que possuem algum tipo de reconhecimento na comunidade e que professam sua fé em alguma religião. Essas rezadeiras, enquanto “cientistas populares”, falam em nome de uma religião. Desta forma, não podem ser compreendidas sem que sua religião seja levada em consideração, assim como seus rituais de benzeção, os quais estão associados à vida cotidiana doméstica.

Dessa maneira, ao analisar seus procedimentos com mais cautela, pôde-se perceber que a crença, o respeito e a valorização dessa prática cultural se dão, em maior grau, pela atribuição de valores a esses elementos, os quais são característicos das rezadeiras, além do fato de justificarem sua arte de cura pelo que se constitui numa prática de caridade, revelando seu caráter de encantamento e necessidade social, unindo o sagrado às demandas do cotidiano... moderno.

Sabe-se, então, por meio das práticas culturais analisadas até agora, que há uma resistência constante à diluição dos seus artefatos tradicionais promovida pela modernidade, impedindo que suas atividades sejam esquecidas e abandonadas.

Por meio da utilização dos símbolos e mitos sagrados, essas mulheres costuram diariamente o “fio de Ariadne”, que aqui foi representado justamente por essa tradição que emana de suas práticas de cura, tendo como base, também, a memória, e é por meio disso que elas se permitem sair do labirinto histórico da modernidade, que tantas armadilhas cria para suplantá-las em seu interior.

E assim seguem rezando, curando e resistindo, fazendo um sinal negativo para o mundo técnico-científico através do semiótico balanço horizontal de seus ramos.

Como falar em desencantamento diante de uma riqueza mística como essa? Dona Maria França, dona Inácia Daniel, dona Maria Carmelita, dona Benedita Belo, dona Maria do Carmo e dona Luzia de Andrade, assim como tantas outras rezadeiras

pelo Brasil afora, por meio do seu ofício, encantam ainda mais o mundo, a cada instante, e transformam o cotidiano em um conto. Um conto que encanta...

...Encanta a casa, encanta a rua, encanta a cidade, encanta esta narrativa, pois tecida com os também encantados fios de tradição que essas mulheres produzem cotidianamente para sair do labirinto da modernidade e viver sua cultura, lado a lado com o Minotauro da ciência e da tecnologia, mas sem medo dele, pois sabem que, às vezes, até o próprio Minotauro adoece, e então as convoca para receber a cura, dando continuidade ao ciclo da História.

Rezadeiras rezam, curam e encantam...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BARROS, José D`Assunção. **O Campo da História: especialidades e abordagens.** Petrópolis-RJ: Vozes, 2004.

ALVES, Rubem Azevedo. **O Enigma da Religião.** 4a Ed. – Campinas: Papirus, 1988.

BAUMAN, Zygmunt. **Tempos Líquidos.** Trad. Carlos Alberto Medeiros -Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007;

BRADLEY, Marion Zimmer. **As brumas de Avalon.** Rio de Janeiro: Imago Ed., 2008. Vol. I, 240 pp;

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembrança de Velhos.** São Paulo: Companhia das Letras, 1994;

CHARTIER, Roger. **“Cultura popular”:** Revisando um conceito historiográfico. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 8, Dº 16, 1995, p. 179-192;

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais.** Bauru: EDUSC, 1999;

CUNHA, Maria de Fátima da. **Mulher e Historiografia: Da visibilidade à diferença.** Hist. Ensino, Londrina, v. 6, p. 141-161, out. 2000;

ELIADE, Mircea. **Tratado de História das Religiões.** Portugal: EDIÇÕES ASA, 1992;

GINZBURG, Carlo. **O Queijo e os Vermes: O cotidiano e as Idéias de um Moleiro Perseguido pela Inquisição.** São Paulo, Companhia das Letras, 2007;

LIPOVETSKI, Gilles. **Os Tempos Hipermodernos.** São Paulo: Editora Barcarolla, 2004;

MATOS, Maria Izilda S. de. **Da invisibilidade ao gênero: percursos e possibilidades nas Ciências Sociais contemporâneas.** MARGEM, São Paulo, N^o 15, P. 237-252, JUN. 2002;

MEIHY, José Carlos Sebe B; HOLANDA, Fabiola. **História oral: como fazer, como Pensar.** São Paulo – SP: contexto, 2007,

NIETZSCHE, Friedrich. **A Gaia Ciência.** São Paulo: Editora Escala, 2008;

NOGUEIRA, Carlos Roberto Figueiredo. **Bruxaria e História: As práticas mágicas no Ocidente Cristão.** Bauru, SP: EDUSC, 2004;

PRIORE, Mary Del (Org). **História das Mulheres no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2003;

ROUANET, Sergio Paulo. **As Razões do Iluminismo.** São Paulo: Companhia das Letras, 1987;

SALES, José Borges de. **Alagoa Nova. Notícias para sua História.** Fortaleza: Gráfica Editora, 1990;

SANTOS, Jair Ferreira dos. **O que é Pós-Moderno.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1991;

TURNER, Victor W. **O Processo Ritual: Estrutura e Antiestrutura.** Petrópolis: Editora Vozes, 1974;

WEBER, Max. **Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva.** Volume 1. Brasília, EdUnb, 1991.

APÊNDICE

QUESTIONÁRIO APLICADO:

DADOS GERAIS:

NOME COMPLETO; IDADE; ETNIA; RELIGIÃO.

1. HÁ QUANTO TEMPO É REZADEIRA?
2. QUEM LHE ENSINOU O OFÍCIO DE REZADEIRA?
3. QUAL O SIGNIFICADO DA REZA NA PRÁTICA DE CURA?
4. COMO VÊ SEU TRABALHO NA COMUNIDADE?
5. COMO VÊ O PAPEL DA REZA NA PRÁTICA DE CURA?
6. JÁ SOFREU ALGUM TIPO DE PRECONCEITO POR SER REZADEIRA?
7. INDICA OUTRAS COISAS ALÉM DA REZA?
8. QUAIS OS TIPOS DE PROBLEMAS QUE AS PESSOAS PROCURAM CURAR ATRAVÉS DE SUAS REZAS?
9. QUAL O PERFIL DAS PESSOAS QUE LHE PROCURAM?
10. COSTUMA COBRAR PELAS REZAS?
11. QUAL A IMPORTÂNCIA DA FÉ NAS PRÁTICAS DE CURA?
12. EXISTE UMA REZA PARA CADA PROBLEMA?
13. HÁ SEGREDOS NA PRÁTICA DE CURA?
14. O QUE ACHA DO SEU TRABALHO E O DO MÉDICO PARA A SOCIEDADE?
15. PRETENDE ENSINAR SEU OFÍCIO?